

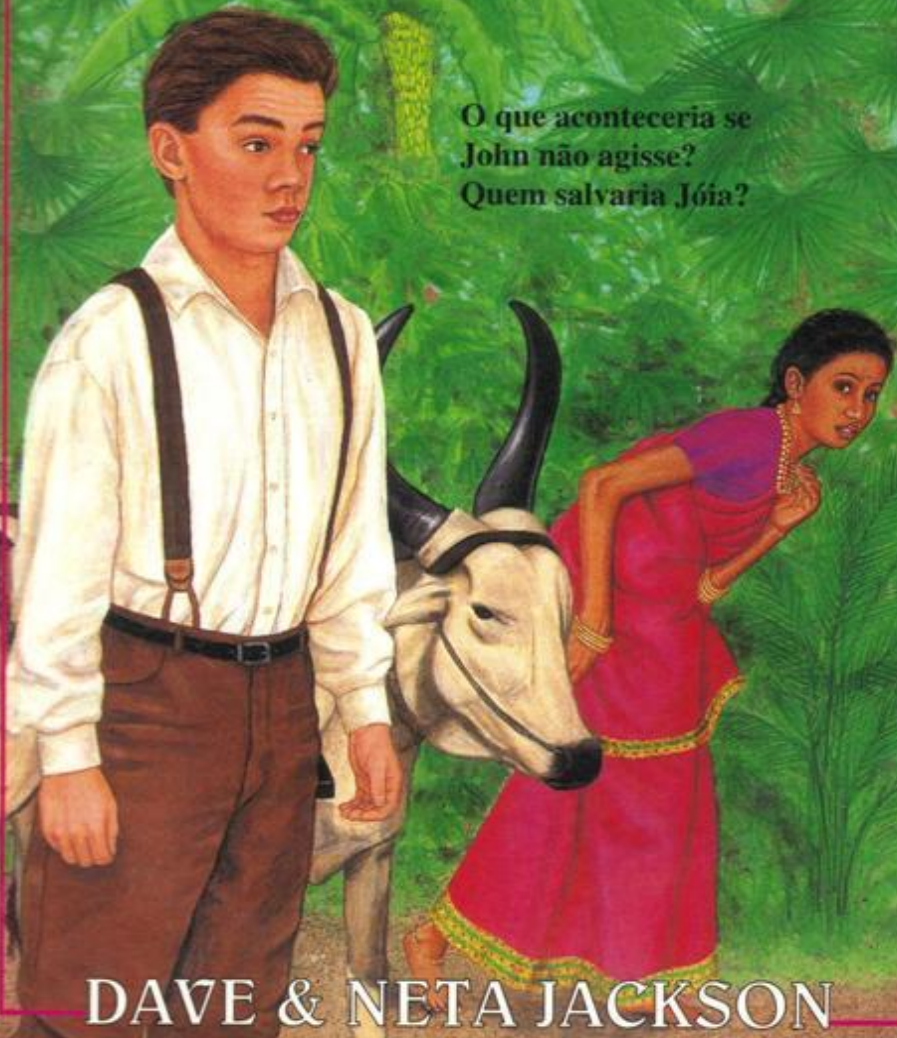
Aventura Teen



— A jóia — escondida

AMY CARMICHAEL

O que aconteceria se
John não agisse?
Quem salvaria Jóia?



DAVE & NETA JACKSON

A Jóia Escondida

Amy Carmichael

Dave e Neta Jackson



CPAD

Digitalizado por Zica



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Sumário

Incidente no trem.....	5
Livre da escola	14
O elefante esmoleiro	23
Refúgio!.....	34
Crucificação em domingo de Páscoa	46
Swami-apaixonado	58
Fogo!	71
Um nariz sangrando e um olho roxo	83
No julgamento	96
Desaparecida!	106
Descoberta	115
A noiva de Dohnavur	128
Mais sobre Amy Carmichael.....	141
Para Leitura Adicional	146

Esta olhadela para dentro da vida de Amy Carmichael e da Comunidade Dohnavur é baseada na história real de uma menina indiana chamada Muttammal, apelidada de a "Jóia", e do jovem Arul Dasan. Muitas pessoas, acontecimentos e detalhes reais foram adaptados nesta versão simplificada de suas histórias. Quanto à família Knight e o papel que desempenha, são fictícios.

DAVE & NETA JACKSON são casados e, juntos, têm escrito muitos livros sobre casamento, família, igreja e outros temas afins, incluindo-se: "Em Fogo, por Cristo: Histórias do Espelho dos Mártires", e as séries "Pet Parables" e "Caring Parent". Têm três filhos: Julian, o ilustrador da série Trailblazer (Aventura Teen, no Brasil), Rachel, que está em uma curta missão em Honduras, e Samantha, sua filha adotiva que é cambojana e está cursando o período secundário.

Têm seu lar em Evanston, Illinois, onde são membros ativos da Igreja de Reba Place.

Capítulo I

Incidente no trem

O criado indiano ia à frente, carregado com um sortimento de bagagem. John Knight, de quatorze anos, seguiu-o para fora da estação e, então, arregalou os olhos diante do estranho trem resfolegando junto à plataforma.

— Pai!— Chamou ele por cima do ombro. — Que espécie de trem é este? É tão pequeno; parece uma miniatura. E, veja! — apontou. — A locomotiva fica atrás!

Os pais de John surgiram à entrada da estação, usando cada qual um chapéu de cortiça em forma de capacete, que os protegia do intenso sol indiano. Sanford Knight sorriu ante a confusão do filho. O alto oficial do governo inglês estivera seis meses sozinho na Índia, e compreendia como tudo devia parecer diferente à sua esposa e ao filho.

— Este é um trem especial — explicou ele, — o único modo de se subir os altos montes para Ootacamund. A locomotiva colocada atrás é capaz de empurrar os vagões para cima. E dê uma olhada entre os trilhos.

John piscou ao mirar os trilhos lustrosos. Uma fileira de cravos estendia-se como um terceiro trilho entre eles.

— Uma roda sob a locomotiva agarra esses dentes e ajuda a empurrar o trem. Agora, vamos, Leslie — dirigiu-se ele à esposa. — Entre.

O Sr. Knight abriu a porta do vagão da primeira classe, e ajudou a esposa a embarcar. Azim, o servo indiano, seguiu com as malas, acomodando-as no bagageiro acima do assento.

Risos e gritinhos próprios de garotas chamaram a atenção de John. Um grupo de meninas indianas, vestidas com trajes longos, coloridos e brilhantes iam subindo ao vagão da terceira classe, com uma mulher usando um *sari* azul claro. "Que estranho" pensou ele. "Aquela mulher parece inglesa — ou pelo menos branca. Por que estaria usando roupas indianas?"

O condutor, usando um paletó azul e um turbante branco, chamava:

— Todos a bordo!

E a locomotiva a vapor soltou um forte *uivo*. Houve uma agitação nas portas abertas, e as pessoas entraram no trem. John pendurou o braço para fora da janela enquanto o trem dava um solavanco e saía lentamente da estação. As montanhas Nilgiri, áridas em sua cor amarronzada, rolavam em ambos os lados. O pai dissera que elas

estariam verdes e coloridas em Ooty — como Ootacamund usualmente era chamada. Essa cidade, aninhada ao pé do Western Chats, era uma "estação montanhosa" muito freqüentada.

Os Knights dirigiam-se a Ooty a fim de matricular John na escola britânica de lá. Enquanto o trem sacolejava resfolegando montanha acima, ele perguntava-se como seria a escola.

—Todas as famílias inglesas vêm a Ooty para as férias de verão — explicara seu pai. — É um bom lugar para uma escola, Você se sentirá em casa; a cidade é bem britânica.

John não estava certo de que queria se sentir em casa — não se isso significasse Inglaterra. A índia era o lugar mais excitante que já vira. Ele e a mãe tinham chegado recentemente da Inglaterra para juntar-se ao pai, o mais novo magistrado do Distrito de Tinnevelly no sul da índia. O magistrado sênior aposentar-se-ia em 1910, e o governo britânico estava dando ao pai de John um ano de preparação para assumir o cargo de juiz e magistrado.

Desde o momento em que John descera da prancha do navio, começara sua aventura na índia. Multidões de pessoas enxameavam as ruas, competindo com bicicletas, carros-de-boi e carroças puxadas por cavalos. Burros carregados com fardos arrastavam-se vagarosamente pela aldeia mercantil. Majestosas figueiras-de-bengala

forneciam alguma sombra e alívio contra o clima seco e quente de Palamcottah, a grande cidade onde se localizava o Tribunal do Distrito de Tinnevely. Elefantes desfilavam nas ruas; macacos guinchavam nas altas moitas de capim. John fora avisado de que às vezes os leopardos desciam das montanhas, mas ainda não tinha visto nenhum.

O menino suspirou. Só pensar em entrar pelos corredores de assoalho limpo e brilhante de uma escola inglesa bastava para levá-lo às lágrimas. Havia tanto para ver e fazer...

Não obstante, uma semana após sua chegada ao novo lar em Palamcottah, o Sr. Sanford Knight decidiu que devia levar o filho à escola sem mais delongas, combinando a ocasião com umas curtas férias em Ooty. Eles já tinham tomado o trem comum, viajando com o criado indiano no relativo conforto da primeira classe. Nesse trem especial fariam o último percurso da viagem.

Quando John inclinou-se na janela, um movimento na parte de traz do trem chamou-lhe a atenção. Ele inclinou-se um pouco mais: Não acredito! — Exclamou. — Tem gente em cima do trem!

A Sra. Knight olhou pela janela.

— Oh, é mesmo! Alguém pode se ferir!

O Sr. Knight levantou os olhos do jornal que estava lendo.

— Mmm, sim. É a classe baixa esperando viajar de graça. Não é legal, mas é tolerado.

Quando o trem fez uma curva, os vagões chacoalharam fortemente sobre os trilhos. John olhou para cima bem a tempo de ver um indiano, pobrementemente vestido, escorregar e cair do teto do trem, aterrissando silenciosamente no matagal junto aos trilhos.

— Pare! — Gritou John. — Um homem caiu de cima do trem!

— Sanford, como podemos parar o trem? — Apavorou-se a Sra. Knight. — Ele caiu de cabeça!

O Sr. Knight saltou e puxou o freio de emergência. A princípio nada aconteceu.

— John! Bradou Sanford Knight.

E John puxou a alavanca com o pai. Um instante depois o trem gemeu e parou; a máquina a vapor lançando fumaça em protesto. O condutor indiano veio correndo até eles, visivelmente preocupado com o pai de John.

— O senhor parou o trem? Qual o problema, *saíbe?*

John apontou:

— Lá atrás! Eu vi! Um homem caiu!

O condutor saiu e caminhou apressado ao longo dos trilhos. Outras janelas abriram-se noutros vagões, e as pessoas olharam para fora. John foi atrás do condutor, com o pai e a mãe em seu encalço.

O trem avançara bastante do ponto onde o homem caíra. Ele estava imóvel e, aparentemente, inconsciente. As roupas sujas e esfarrapadas mal lhe cobriam o corpo magro; ele não tinha chapéu nem turbante. O condutor afastou a ruidosa multidão que se juntava, e examinou o homem. Então começou a gesticular e gritar com os outros passageiros numa linguagem desconhecida. Era óbvio para John que ele estava mandando voltar ao trem.

— O que houve, condutor? — Indagou o pai de John, que acabava de chegar com Azim e a Sra. Knight.

— Nada, nada. Não podemos fazer nada. Ele é um *pária*, um intocável.

— Eu sei — afirmou o Sr. Knight.

— O que quer dizer? — Interpelou dona Leslie. — Não podemos simplesmente deixar um homem ferido, caído à beira da linha do trem.

O Sr. Knight puxou a esposa à parte:

— Leslie, minha querida, você não compreende. O sistema indiano de castas é muito complexo. Não devemos interferir em suas crenças.

— Não sei! — protestou a mãe de John. — Mas como cristã e inglesa eu sei o que devemos...

— Tem toda razão madame — concordou uma calma voz feminina. — Poderia ajudar-me?

Para surpresa de John, a mulher branca, de sari azul claro, passou direto pelo condutor e abaixou-se ao lado do

homem ferido. Suas mãos moveram-se gentilmente pelo corpo dele.

Nada quebrado — constatou ela. — Mas ele bateu com a cabeça. Devemos levá-lo para dentro do trem.

- Senhorita Carmichael! — protestou o condutor. — Não se pode fazer isto!

A mulher ignorou-o.

— Poderiam ajudar-me? — indagou novamente, fitando os Knights.

John não estava seguro do que se passava, mas apreciou a atitude corajosa da mulher.

— Sim, madame! — concordou ele com um sorriso.

Sua mãe também aproximou-se. Azim olhou chocado e afastou-se. Relutante, Sanford Knight ajudou a esposa, o filho e a mulher de sari a levantar o homem ferido e colocá-lo cuidadosamente no vagão da terceira classe. John tentou ignorar o odor do corpo sujo.

Uma sonora aclamação elevou-se dos penetras no teto do trem, e John acenou-lhes em resposta.

De volta ao compartimento da primeira classe, o pai de John mostrou seu descontentamento:

— Eu disse: não quero minha esposa e meu filho envolvidos em qualquer confusão com as classes sociais indianas. Não é com esta compaixão mal dirigida que vocês vão resolver os problemas deles. Minha tarefa como

oficial do governo britânico é manter a ordem no país, deixando os nativos cuidarem de seus próprios assuntos.

— Oh, Sanford! — atalhou a esposa. — Não seja tão duro. Foi uma atitude cristã. Não poderíamos deixar o homem morrer, poderíamos? Me pergunto... quem é aquela senhorita Carmichael?

O Sr. Knight suspirou:

— Tenho ouvido falar dela — a causadora de problemas! É uma missionária irlandesa que se recusa a seguir os métodos missionários costumeiros. Em vez disso, "resgata" meninas que pertençam aos templos, ou qualquer coisa parecida. Tudo o que sei é que ela tem enfurecido os sacerdotes hindus.

— Essas meninas não têm família? — Interessou-se John, nada entendendo.

— Não sei. Realmente, não é de nossa conta — reforçou seu pai, apressando-se em abrir o jornal. Ele ouvira o bastante nobre a Srta. Carmichael.

— Hmm — cismou a Sra. Knight. — Eu gostaria de encontrá-la particularmente. Minha curiosidade aumentou. É inacreditável que aquelas juvenzinhas tenham pertencido a um templo.

Eu também gostaria de encontrá-la, pensou John. Ele gostaria especialmente de encontrar gente jovem. Seria ótimo encontrar rapazes. Mas mesmo amizade com garotas seria melhor que ficar preso numa escola britânica.

Um apito soou. A paisagem de grama seca cederá lugar ao verde das árvores e do mato nas ladeiras. Então surgiu o primeiro telhado vermelho de Ooty.

Capítulo 2

Livre da escola

O diretor da escola Kingsway para meninos nem piscou; sentou-se reto e inflexível atrás da grande escrivaninha.

— Está querendo dizer que não podemos matricular John porque o semestre já começou?

A veia no pescoço do Sr. Knight começou a estufar. John olhou o pai com interesse; ele sabia que Sanford Knight estava acostumado a conseguir o que queria.

Tão logo chegaram a Ooty, os Knights tinham ido direto à escola. O pai acertara: ela se parecia muito com a sua velha escola de Brighton, exceto que, enquanto a English Channel brilhava à distância, a Western Chats parecia uma muralha sombria contra a montanha. Meninos de *blazers* e gravatas olhavam curiosos para John, e cutucavam-se enquanto os três Knights passavam pelo frio corredor. Uma vez que tinham sido introduzidos no escritório da escola, todos logo compreenderam que eles haviam se chocado com outro tipo de muro: o diretor.

—Temos nossas regras, Sr. Knight. — Explicou pacientemente o homem careca, com os óculos de aros finos pousados na ponta do nariz. — Nossas aulas de inverno começaram em meados de janeiro; nós já estamos na quarta semana do semestre. Seria completamente desconcertante para a classe, e para John também, se ele entrasse agora. Meu conselho é que vocês esperem até o verão.

Tentando manter a postura na desconfortável cadeira, John prendeu a respiração. *Não ter de ir à escola?* Seria possível que ele não tivesse de entrar naquela prisão inglesa por mais alguns meses? Isto significava que ele poderia familiarizar-se com a índia — a índia situada na planície, o Distrito de Tinnevelly!

— Sanford... — a mãe de John tocou a manga do marido.

— Agora, não, Leslie — impacientou-se o Sr. Knight. Ele olhou zangado para o diretor e foi colocar-se à janela.

— Isto é totalmente inoportuno, senhor Bath. Tenho responsabilidades; preciso viajar. Eu esperava que John ficasse acomodado na escola para que minha esposa pudesse acompanhar-me. E eu não o quero atrasado. Tem certeza...?

— Absoluta — confirmou o diretor. — De qualquer modo, vocês vieram a Ooty; por que então não

aproveitamos esta entrevista e fazemos a papelada necessária para a matrícula de John no próximo semestre? Seria uma coisa a menos para pensar.

Assim foi feito. Uma hora depois o Sr. Knight chamou uma *tonga*, espécie de carruagem de duas rodas, puxada por cavalos, e mencionou ao condutor o nome de Willingdon House. Enquanto os cavalos avançavam para a hospedaria, ele fitou mal humorado o imponente Ooty Club e a Igreja de St. Stephen.

— Sanford — tentou a Sra. Knight novamente —, quem sabe não foi melhor assim. Isto nos dá mais tempo para estarmos juntos como uma família, e para ajustar-nos ao nosso novo ambiente. E não se esqueça de que tenho meu diploma de professora; posso instruir John na maior parte das matérias.

— É verdade, pai — ajuntou John. Até então ele falara pouco, esperando não denunciar a tremenda felicidade que o fazia querer saltar e gritar de alegria. — Eu estudarei com mamãe. Assim não ficarei atrasado.

— Humph. Não é o mesmo que ir a uma escola. Mas suponho que faremos o que precisa ser feito.

Suas bagagens já tinham sido entregues por Azim na grande hospedaria, abrigada entre caminhos de pedras e arbustos floridos.

— É adorável! — exclamou a Sra. Knight, tirando o chapéu de cortiça e passeando pela sala e pelos dormitórios

arejados. — Vamos deixar as frustrações para trás e desfrutar de nossas férias!

John experimentou uma leve culpa. Ele não se sentia frustrado, e estava pronto a desfrutar das férias!

No dia seguinte, vestida com roupas de passeio e calçada com sapatos confortáveis, Leslie Knight saiu para uma caminhada com John; havia muitas trilhas que levavam de Ooty às montanhas. Sanford Knight preferiu ir ao clube masculino para se inteirar das novidades.

— John, vá com a sua mãe — ordenou ele. — Fiquem nas trilhas e não se afastem demais. Há cobras e animais selvagens pelos montes; tenham cuidado.

— Sim, pai.

A trilha logo deixou a cidade atrás e enveredou por uma íngreme ladeira. O bosque da montanha era frio e cheio de sombras sob a viçosa cobertura de folhas.

— Oh, que delícia! — murmurou a Sra. Knight parando e respirando fundo.

Mãe e filho caminharam em silêncio por uma meia hora. Então as árvores diminuíram, e ouviu-se um som de águas. Virando numa curva, eles depararam-se com uma maravilhosa cachoeira circundada por rochas e flores.

Passaram-se poucos segundos antes de John perceber que não estavam sozinhos. A mulher do trem, sentada numa pedra, observava algumas de suas meninas chapinhando na água. Ela ainda usava o sari azul claro, e

tinha uma das crianças menores no colo — Olá, senhorita Carmichael — John ouviu sua mãe cumprimentar. A Sra. Knight aproximou-se da mulher e estendeu-lhe a mão. — Eu queria muito encontrá-la. Meu nome é Leslie Knight, e este é meu filho John. Estive pensando se o homem que caiu do trem recuperou-se.

A mulher sacudiu a mão da Sra. Knight e sorriu para John.

— Meu nome é Amy Carmichael. Não quer juntar-se a nós? Estamos enxugando esta belezoca, não é Blossom?

A criança indiana em seu colo sorriu e estendeu um bracinho rechonchudo.

— Penso que o homem ficará bem — tornou a mulher. — Ele sofreu um abalo violento, e está descansando no chalé onde estamos.

— Devo admitir que nosso encontro de ontem deixou-me curiosa — confessou dona Leslie. — Fale-me de você e destas meninas... se eu não estiver sendo impertinente.

Os olhos de Amy Carmichael pousaram afetuosamente sobre as meninas que, com as barras das saias enroladas, ainda brincavam na água, lançando curiosas olhadelas em sua direção. A Srta. Carmichael tinha olhos castanhos, vincados de riso. *Ela deve ter por volta de quarenta anos*, conjecturou John.

— Não há muito o que dizer — começou Amy. Ela parecia repentinamente assustada. — Nós moramos do outro lado da vila de Dohnavur, num lugar que chamamos Comunidade Dohnavur. É um lar para mim, alguns voluntários ingleses, várias mulheres indianas piedosas, e algumas meninas como a Blossom aqui, que Deus resgatou das diabólicas práticas dos templos indianos. Uma bondosa mulher daqui de Ooty, a senhora Hopewell, tem deixado seu chalé a nossa disposição; assim temos um lugar para nos refugiar. Agora mesmo, muitas das crianças de Dohnavur estão doentes, então trouxe estas meninas para cá a fim de que escapassem da febre. — Agora — animou-se ela — fale-me de você. A Sra. Knight falou resumidamente de sua recente chegada, da posição de seu marido como magistrado em Palamcottah, e de sua vinda a Ooty para matricular John na escola.

—Ah — comentou a Srta. Carmichael após ouvir que John não pudera entrar na escola no meio do período —, sem dúvida, você está profundamente desapontado, não é John.

Ela piscou para o garoto; ele sorriu. John gostou imediatamente daquela Srta. Amy Carmichael, não importando quem fosse ela.

— Disse que era professora, senhora Knight? — continuou Amy. — Temos uma grande necessidade de professores em Dohnavur.

— Oh, não sei se poderia lecionar — atalhou a mãe de John. — Ainda somos novos na índia. Não tenho idéia de como será a vida em Palamcottah, ou o que Sanford esperará de mim como esposa de um magistrado. E, claro, preciso estar instruindo John até que ele possa começar no verão.

John afastou-se das duas, encaminhando-se à cachoeira. A neblina fria atingiu-lhe as faces e umedeceu-lhe os cabelos. Ele se perguntava se alguma daquelas meninas brincando na água falaria inglês.

— Olá! — cumprimentou ele, sentando-se à margem.

As garotas silenciaram, unindo as palmas das mãos, e curvando as cabeças em direção a John, numa espécie de salamaleque, ou saudação.

John juntou as mãos e retribuiu a mesura. O gesto arrancou risinhos das meninas, mas elas ainda mantiveram os olhos baixos.

John pensou no que fazer a seguir. Como dizer-lhes que desejava ser seu amigo se não falava sua língua? Então teve uma idéia. Sentou-se à barranca, tirou os sapatos e as meias, e entrou na água. Como estava fria! Deu mais alguns passos afastando-se da margem. Ele atravessaria o riacho pisando sobre as pedras e os pequenos seixos que salpicavam seu leito. Talvez mostrasse às meninas como fazê-lo. Não estava preparado, porém, para a força da

correnteza. Inadvertidamente, uma pedra escorregadia deu-lhe um formidável tombo, espirrando água para todo lado.

Antes que John percebesse o que ocorria, diversas mãos — pequenas e fortes — agarraram-lhe os braços e o puxaram para fora da água. Com a mesma rapidez, as meninas indianas tinham subido a ribanceira e corrido em direção às duas mulheres, deixando John sozinho fora do rio.

Ele estava embaraçado. Mas tudo o que sua mãe disse quando ele se aproximou do grupo que rodeava a senhorita Carmichael foi:

— É melhor sentar-se ao sol para secar. Está um bocado frio na floresta.

John sentou-se a uma pequena distância do grupo, tremendo nas roupas molhadas, e tentando recuperar sua dignidade. Contudo, pôde escutar a conversa.

— Você deve ao menos vir nos visitar — dizia Amy Carmichael. — Dohnavur fica apenas trinta quilômetros ao sul de Palamcottah. Traga John com você, se quiser! Não temos nenhum menino — embora Deus saiba que os meninos da Índia estão emaranhados na mesma escravidão do paganismo que prendia as meninas. Algum dia... algum dia, Deus proverá. Oh, exceto Arul. Arul é nosso primeiro menino. É um pouco mais velho que John, acredito. Ele é uma grande bênção e ajuda, e tem

sofrido duramente por sua fé em Jesus Cristo. Ele pode mostrar a John a vizinhança...

John esqueceu as roupas molhadas. Oh! Se ele tão somente pudesse visitar a Comunidade Dohnavur e encontrar esse tal de Arul. Mas... seu pai o permitiria? Ele não parecia aprovar que John se misturasse socialmente com os indianos, quanto mais com um amigo dessa Amy Carmichael, que se vestia como uma nativa, resgatava meninas e enfurecia os sacerdotes hindus.

Entretanto, ele sabia que sua mãe estava de seu lado. Leslie Knight jamais se contentaria em sentar-se a bebericar chá com outras senhoras inglesas, quando a oportunidade de conhecer a verdadeira índia — e até ajudar suas crianças — lhe era oferecida.

Capítulo 3

O elefante esmoleiro

As férias em Ooty terminaram em duas semanas. O clima, no final de fevereiro, era ensolarado e moderado durante o dia, mas particularmente frio, quando o sol baixava atrás dos montes. Uma vez o Sr. Knight levou a esposa e o filho ao jogo de pólo no campo de Ooty. Também cavalgaram pelas colinas em cavalos alugados, jantaram no Ooty Club e perambularam pelos arredores de Nilgiri Library. As atividades de cada dia geralmente se encerravam com o chá servido no alpendre fechado de Willingdon House. John e sua mãe também desfrutaram de diversas caminhadas no bosque da montanha, com Amy Carmichael e seu pequeno grupo. (O Sr. Knight, não afeito a caminhadas, preferia companhias mais fidalgas no clube). Enquanto as meninas corriam ao longo da trilha, John imaginava-as como flores silvestres, com suas fitas lustrosas amarelas, cor-de-rosas, azuis e verdes, presas em seus cabelos bastos e negros.

A missionária irlandesa e suas meninas deixaram Ooty poucos dias antes de os Knights.

— Perdoe-me se estou sendo insolente, mas, por que vocês viajam de terceira classe? — indagou Leslie Knight à Srta. Carmichael, quando se despediam na estação ferroviária de Ooty.

— Porque não há quarta classe! — sorriu Amy Carmichael, entrando no trem.

As meninas, tagarelando como maritacas, e inclinadas nas janelas, acenaram adeus até que o pequeno trem desaparecesse.

Quando voltavam a pé para Willingdon House, John perguntou à mãe:

— O que ela quis dizer?

Leslie Knight enxotou um irritante inseto voador.

— Não estou bem certa, filho. Mas ela parece achar importante identificar-se com o povo da Índia, viver como eles vivem, viajar como eles viajam. "Todos somos um em Cristo", disse-me ela. Também penso que o dinheiro seja pouco, cuidando de tantas meninas como ela faz. Mas imagine: viajar de terceira classe, naqueles bancos duros! Tão cheio e desconfortável!

John concordou silenciosamente. Mesmo em compartimentos de primeira classe, a viagem a Palamcottah fora exaustiva. Depois que o trem com a roda dentada levara-os montanha acima, ainda viajaram alguns

dias num trem comum. Em cada estação, carregadores de água corriam ao lado do trem anunciando: "Hindu tunni!" ou "Muçulmano tunni!" ("Água para hindus e água para muçulmanos", explicara Azim, o servo indiano). Alimentos também podiam ser comprados dos vendedores que preparavam bacias de arroz com caril, um condimento apimentado originário da Índia, na própria plataforma da estação. À noite, Azim descia um beliche suspenso para John dormir, enquanto seus pais dormiam num acolchoado estendido no assoalho.

Da estação de Palamcottah até a casa do magistrado, eles foram carregados num palanquim — cadeira individual, com dois longos varais, levada sobre os ombros de indianos vestidos com apenas uma tanga frouxa passada entre as pernas e enrolada à cintura.

Estava mais quente em Palamcottah que em Ooty mas o clima era seco e suportável. A casa, com jardins murados era aberta e arejada. Os criados pareciam surgir do nada para desfazer a bagagem, carregar água para o banho, servir o chá das quatro no alpendre, e entregar bilhetes e convites das esposas dos oficiais do exército britânico, que queriam conhecer a Sra. Knight

— Precisamos realmente de todos estes criados Sanford? — estranhara a Sra. Knight, quando, primeiro um, depois outro, apareceram para executar pequenas e simples tarefas

— Nós, não; mas eles, sim. — Respondera o marido sorrindo à socapa. - Você logo descobrirá que o sistema de castas da índia é pior que qualquer associação trabalhista da Inglaterra. Se um criado pertence a uma casta de agricultores, ele capinara a horta, mas não limpará o banheiro. Você terá de alugar um limpador para fazê-lo. E assim por diante.

Fazendo valer sua palavra, a Sra. Knight adquiriu um sortimento de livros escolares e iniciou John em suas lições — três horas a cada manhã. Porém, poucos dias após seu retorno a Palamcottah, Sanford Knight anunciou na mesa do almoço que teria de viajar a negócios do governo, para Bangalore, a principal cidade do sul da índia, cerca de trezentas milhas ao norte

— Temo que tenha de estar fora por várias semanas — confessou ele à esposa. — Gostaria de levá-la comigo, Leslie mas com John fora da escola... bem, eu simplesmente não tenho tempo de fazer os arranjos necessários para levar ambos comigo

— Está tudo bem, Sanford. — Assegurou Leslie — Nós ficaremos bem. John deve prosseguir com suas lições, e talvez tenhamos tempo para explorar um pouco a zona rural

John estava desapontado por ser deixado atrás. Bangalore! Ele tinha certeza de que a grande cidade seria

misteriosa e excitante. Então percebeu que seu pai ainda estava falando

—... não quero que você ande sozinha, Leslie. Leve sempre um criado com você, o tempo todo. Azim é um bom homem; eu o deixarei aqui com você. Um dos outros criados poderá ir comigo.

Dois dias depois, a Sra. Knight e John acenaram em despedida, quando uma charrete levando o Sr. Knight, um criado e a bagagem, rumou para a estação ferroviária de Palamcottah. Mas bastou um par de dias para John tornar-se inquieto. Azim arranhou uma velha bicicleta para ele passear, mas sua mãe preocupava-se em deixá-lo ir muito longe.

Leslie Knight também estava impaciente. Apenas lições... era muito pouco para uma senhora inglesa. Ela incrementava o Cardápio com o cozinheiro indiano, arranjava as flores frescas que apareciam de algum lugar todos os dias, e recebia as visitas enfadonhas das esposas dos oficiais ingleses, ávidas por darem uma olhada na esposa do novo magistrado. Todavia, John sabia que a mãe sentia-se desconfortável com a infindável tagarelice dessas visitas.

Foi então que chegou uma carta da Comunidade Dohnavur.

— É da senhorita Carmichael, John! — exultou Leslie. — Está nos convidando para conhecer Dohnavur.

Ora, é uma boa idéia. Ela disse que Dohnavur fica a pouco mais de trinta quilômetros daqui. Podemos alugar uma carruagem, ou mesmo aquelas cadeiras esquisitas com varais...

— Palanquins, mamãe. — Sorriu John.

—... e seu pai estará fora por várias semanas. Esta é uma boa ocasião para irmos, pois duvido que ele estivesse interessado. É a nossa chance de explorar o Distrito de Tinnevelly, e ver as aldeias pelo caminho.

A Sra. Knight não perdeu tempo; retornou uma mensagem a Dohnavur, informando que estaria indo no dia 10 de março. John esperava que sua mãe se esquecesse das lições, mas viu os livros escolares entrarem na bagagem. Azim conseguiu uma carruagem puxada por dois cavalos, que os levaria até parte do caminho. Ali teriam de encontrar um transporte local que os levasse a Dohnavur.

Eles levantaram cedo, mas o cozinheiro não os deixaria partir sem que fizessem jus ao farto desjejum que ele preparara: fatias de mamão, mingau de cereais, bolinho de peixe, ovos cozidos, e torradas com geléia de laranja, tudo regado a chá. John escorregou seu bolinho de peixe para dentro do guardanapo, quando achou que ninguém estava vendo. *Coisa horrível para o café da manhã*, pensou ele.

A carruagem chegou um pouco tarde. Numa agitada correria, os criados empilharam a bagagem num dos

bancos, e ajudaram a Sra. Knight e o filho a sentarem-se no outro. Azim empoleirou-se junto ao condutor.

Quando os cavalos, depois de forçarem passagem pelas ruas enlameadas e repletas de Palamcottah, encaminharam-se ao sul, entrando na zona rural, John experimentou uma deliciosa sensação de liberdade. O jardim murado que rodeava sua casa em Palamcottah era limitado; parecia que fora planejado para deixar a índia de fora. Agora, porém, a estrada prometia-lhe incríveis aventuras.

A carruagem passou por seguidos arrozais lamacentos, onde os lavradores preparavam o solo para a plantação de abril e maio. Alguns deles guiavam arados puxados por um boi; outros usavam rústicas ferramentas manuais para quebrar os torrões de barro. John observou que cada arrozal era circundado por um pequeno dique de lama. Azim explicou:

— Quando chega a época das chuvas, eles represam a água aí, jovem *saiibe*.

A maioria dos vilarejos ao longo da estrada era pequena e pobre. Crianças andrajosas corriam ao lado da carruagem, com as mãos levantadas, gritando:

— Uma esmola! Uma esmola!

Azim esbravejou algo na língua tâmil, e elas se espalharam. Fora das cabanas com paredes de barro e telhados de sapé, viam-se as mulheres curvadas sobre

fogareiros, preparando a refeição. Outras retornavam do poço, carregando potes de água sobre a cabeça.

Passava do meio dia quando a carruagem entrou numa grande cidade chamada Quatro Lagos. John avistou uma mesquita muçulmana com seus dois minarettes, não muito longe da cúpula adornada de ouro de um templo hindu.

— A carruagem deve voltar a Palamcottah antes do anoitecer - lembrou Azim. Faltam apenas oito ou nove quilômetros para Dohnavur. Podemos alugar outra condução.

John e a senhora Knight desceram da carruagem perto da praça do mercado. Azim pagou o condutor, e então desapareceu na feira para procurar um carro-de-boi.

Enquanto esperavam por Azim, John percebeu um tumulto para os lados do templo hindu. Um magnífico elefante, adornado com tecidos bordados e correntes com balangandãs, apareceu. Rindo e gritando, um bando de crianças dançava perigosamente perto de suas patas enormes. Sentado no lombo do elefante, o condutor conduziu-o em direção à praça do mercado.

Numa barraca próxima, o elefante parou e esticou a tromba para dentro da tenda. John viu o vendedor colocar algo na tromba, e o elefante torcê-la para o alto, para o condutor. Depois a tromba girou para baixo novamente, e descansou por um breve instante na mão do vendedor.

O elefante veio se aproximando e, de repente, a grande tromba estendeu-se em direção a John e a Sra. Knight. O menino ouviu a mãe abafar um grito; ele também experimentou um certo receio. O que ele estaria fazendo?

— Esmola! Uma esmola! — gritaram algumas das crianças. John remexeu o bolso à procura de uma moeda e colocou-a na ponta úmida e rosada da tromba. Esta girou e subiu. Quando desceu novamente, John pensou que ela fosse esmagá-lo, mas em vez disso, a tromba pousou-lhe gentilmente na mão, em agradecimento, e então moveu-se adiante.

— Elefante hindu — cochichou Azim ao ouvido de John. — Ele coleta dinheiro para o templo.

O medo passara, mas a excitação continuava. John resolveu não perguntar à mãe se dar dinheiro a um templo pagão era uma coisa certa para um inglês cristão fazer; ele nunca esqueceria a sensação da tromba do elefante pousada em sua mão.

Azim não conseguira alugar um carro-de-boi, e eles estavam com fome. O criado desempacotou o almoço que o cozinheiro preparara — vegetais com arroz, embrulhados em largas folhas verdes de bananeira, e frutas. Sentados sobre a bagagem, eles comeram com vontade, usando os próprios dedos para levar o alimento à boca. A Sra. Knight começou a rir, então ela e John quase sufocaram,

estourando em gargalhadas. Se Sanford Knight pudesse vê-los então!

Finalmente Azim alugou um transporte, que nada mais era que uma carroça coberta, puxada por dois bois. Entrementes, o sol da tarde começava a escorregar para o poente, quando eles deixaram Quatro Lagos, rumando em direção a Dohnavur. Os bois eram lentos, cobrindo apenas cinco quilômetros em uma hora. De vez em quando, John e sua mãe desciam e andavam a pé ao lado da carroça.

Quando se aproximavam da aldeia de Dohnavur, John notou que uma garota indiana os seguia. Mas quando ela sentiu que ele olhava em sua direção, precipitou-se para dentro do mato.

— Viu aquela garota, mamãe?

— Não. Onde, querido?—perguntou, distraída, a Sra. Knight.

John não se incomodou em responder. A garota já se fora.

Em Dohnavur, Azim desmontou da carroça para perguntar onde ficava a casa da missionária irlandesa. John pensou estar vendo a mesma garota novamente, aproximando-se devagar de Azim, enquanto este trocava algumas palavras em tâmil com um homem idoso. John pôde vê-la de perto. Ela tinha por volta de doze anos, e usava numerosos braceletes de ouro em ambos os braços, além das jóias nos tornozelos. John, porém, teve di-

ficuldade em enxergar-lhe o rosto. Ela olhava de um lado para outro, como se temesse ser vista por alguém, e segurava a ponta do lenço de seda sobre o nariz e a boca.

O velho apontou a direção oeste da aldeia, e quando John olhou novamente, a garota tinha desaparecido.

— É fora da vila — informou Azim, pulando na carroça. Não houve erro: tão logo deixaram a vila, desembocaram numa grande área cercada. O carroceiro guiou a carroça para um portão arqueado, recortado no muro de tijolos. Num dos lados do portão, via-se um pequeno emblema com alguns caracteres pretos, que John supôs serem em tâmil. Embaixo dessa escrita, lia-se em inglês: "Comunidade Dohnavur". Eles haviam chegado.

Capítulo 4

Refúgio!

Azim puxou a corda e tocou o sino para anunciar a chegada dos visitantes, enquanto o carroceiro descarregava a bagagem. Logo o portão de ferro abriu-se, e um jovem indiano saudou com um largo sorriso:

— Senhora Knight! John Knight! Bem-vindos! Meu nome é Arul Dasan. *Amma* está esperando vocês.

— *Amma?* — cochichou John, zombeteiramente, a Azim.

— *Amma* significa "mãe" em tâmil — explicou o criado. Arul aparentava ter dezoito ou dezenove anos, observou John, enquanto seguiam o jovem em direção à casa com um amplo alpendre. Cercada por várias mulheres indianas, Amy Carmichael estava sentada no assoalho do alpendre, alimentando um bebê de um ano com os próprios dedos. Ao ver o pequeno grupo se aproximando, ela levantou-se de um salto, exclamando:

— Leslie! John! Estou encantada por terem vindo!
E este é...?

— Azim, nosso... ha, servo. — Respondeu a Sra. Knight. — Aqui, todos somos servos! — sorriu Amy, colocando o bebê escanchado nos quadris, e dando um abraço em Leslie para quebrar *O* embaraço do momento. — Venham, partilhem nossa refeição.

E apresentou suas auxiliares:

— Estas são nossas *manas*, as irmãs mais velhas de nossas crianças.

Com largos sorrisos, as *manas* pressionaram as palmas das mãos uma contra a outra, saudando-os com gentis salamaleques.

John e Arul sentaram-se com seus pratos de comida na escuda do alpendre, a pequena distância das mulheres. Azim aceitou o alimento, mas saiu da casa para comer. John olhou em volta para as pequenas casas espalhadas pelo complexo. Todas pareciam envoltas num azul profundo contra o céu arroxeadado do oeste. Algumas tinham telhados vermelhos ondulados; outras eram cobertas de palha, embora parecessem mais resistentes que aquelas que ele vira nos vilarejos ao longo da estrada. O rapazinho começou a pensar onde estariam as meninas... então o som de crianças cantando elevou-se no crepúsculo.

Arul acenou com a cabeça em direção à música:

— As pequenas estão cantando louvores a Deus!

John engoliu seu último bocado de arroz antes de investigar:

— Arul, como você veio parar aqui? Quero dizer, não há meninos... apenas meninas.

Arul sorriu:

— Eu ouvi a Palavra de Deus e quis seguir a Jesus. Mas minha família ficou totalmente contra. Eles me surraram e ameaçaram esfregar pimenta em meus olhos. Então eu vim para meu novo lar com *Amma*.

— Quantos anos você tem?

— Dez ou onze. Me esqueci. — Ele arreganhou os dentes outra vez. — Esta é minha nova família. Eu trabalho duro para ajudar *Amma*; ela me deixa ficar.

John olhou o crepúsculo cada vez mais profundo. Pássaros trinavam saudações de boa-noite nos pés de tamarindo. Era estranho ouvir alguém dizer que apanhara apenas porque quisera tornar-se cristão. Na Inglaterra, todos quanto John conhecia eram cristãos... bem, ao menos iam à igreja aos domingos. Era o que se esperava que se fizesse, assim como honrar aos pais e a bandeira britânica. John cria em Deus e, claro, sabia que Jesus era o Filho de Deus... mas, o que significava "seguir a Jesus" do modo como falava Arul? Estaria ele disposto a ser chamado cristão, se sua família ameaçasse esfregar-lhe pimenta nos olhos?

Um sino tocou.

— Tem alguém no portão — disse Arul, levantando-se. — Não estamos esperando ninguém. Me pergunto quem...?

Ele apressou-se em direção ao portão exterior. John seguiu-o num trote.

O sino soou insistentemente, e quando Arul e John chegaram perto, puderam ouvir o som abafado de um punho batendo no portão, e um choro premente. Lançando-se à trave, Arul puxou o portão e este se abriu. Uma assustada jovencinha deu um passo atrás, como se temesse ser atacada. Então lançou-se aos pés dos meninos gritando repetidamente uma única palavra.

John arregalou os olhos e seu queixo caiu. Era a garota que os estava seguindo na viagem para Dohnavur!

— O que ela está dizendo? O que ela quer?— indagou ansiosamente, enquanto Arul se inclinava e levantava a garota de seus pés.

— Refúgio! Ela quer refúgio — traduziu Arul. — Rápido, tranque o portão!

Sem demora, John colocou a trave de volta no portão, e dirigiu-se com Arul e a chorosa menina à casa principal, onde estavam Amy Carmichael, a mãe de John e as mulheres indianas. Quando o grupo do alpendre percebeu a comoção, Amy entregou o bebê a uma das *manas* e desceu correndo os degraus.

— Criança querida! — exclamou, puxando a menina para o calor de seu abraço e das dobras de seu sari.

— Calma, calma, você está segura aqui.

A "mãe" da Comunidade Dohnavur levou a visitante inesperada ao alpendre, e sentou-se segurando no colo a juvenzinha quase de seu tamanho. Os braços morenos da menina envolveram o pescoço da Srta. Carmichael, agarrando-se firmemente a ela.

Arul deu um tapinha no ombro de John:

— Venha, vamos dizer boa-noite e deixá-las aqui.

John olhou para sua mãe, que estava tão atraída quanto as mulheres indianas. Ela olhou para John e deu-lhe um breve sorriso, como a dizer:

— Estou certa de que está tudo bem. Vá com Arul.

Então ele seguiu o outro rapazinho através do pátio já escuro, exceto pela luz da lua.

Arul levou-o a uma pequena cabana coberta de sapé, com um diminuto alpendre cercado de junco. Dentro da casa, Arul acendeu uma lanterna. A cabana tinha um único cômodo parcamente mobiliado por uma escrivaninha, uma cadeira e um guarda-louça num canto, mais três estrados de madeira com uma trama de cordas que serviam para dormir.

— *Charpoy* — disse Arul, apontando os estrados.

— Camas. Para você, para mim, e para Azim.

Ele desapareceu por uns momentos, e então retornou com a bagagem de John.

— Azim disse que vai dormir lá fora — explicou dando de ombros.

A *charpoy* parecia bastante desconfortável, mesmo com um cobertor cobrindo a trama de cordas. Mas aquele fora um dia longo e excitante, e, em poucos minutos, John estava roncando.



John despertou ao som dos pássaros nos tamarindos. A princípio não soube onde estava, mas então, os acontecimentos do dia anterior retornaram num turbilhão. Ele estava na Comunidade Dohnavur, partilhando com um menino indiano uma pequena cabana de tijolos ressecados pelo sol.

John levantou-se. O cômodo estava vazio. Ele vestiu-se rapidamente e precipitou-se para fora, para o brilho do sol. Azim o aguardava na pequenina varanda.

— Jovem *saíbe*, sua mãe o está esperando na casa principal — comunicou o criado.

John ouviu risos infantis. Ele avistou um grupo de mulheres e adolescentes indianas, levando vários bebês para passear ao longo de uma das trilhas. Cada uma

empurrava um carrinho com dois ou três bebês, ou puxava uma criança pela mão.

Leslie Knight e Amy Carmichael estavam conversando no alpendre, quando John e Azim se aproximaram.

— Ah, aí está você, John — falou a Srta. Carmichael. — Eu estava falando de nossa jovem visitante de ontem à noite, e minha idéia abrange você também. Por favor, pegue seu desjejum e junte-se a nós.

Um prato de frutas fatiadas, alguns bolos parecidos com sonhos, e uma vasilha de chá estavam arrumados numa pequena mesa, ao lado de pratos e xícaras. John serviu-se, e então sentou-se no chão, perto de sua mãe.

— Eu estava justamente dizendo à sua mãe que é óbvio que esta mocinha pertence a uma casta muito elevada. E talvez seja difícil para ela misturar-se com as outras meninas daqui. Não conheço a história dela; ontem à noite ela estava exausta demais para contar. Mas... ora, aqui está ela!

John nada ouvira, mas lá, parada no vão da porta, estava a garota. A Srta. Carmichael estendeu os braços, e a garota foi direto para ela. A menina balançou a cabeça de forma negativa quando lhe ofereceram alimento, e ficou ali, encostada em Amy Carmichael.

— Vamos, criança — encorajou a missionária —, preciso saber mais sobre você.

Ela segurou as mãos da adolescente entre as suas e perguntou algo em tâmil. A garota respondeu rapidamente; seu sorriso desaparecendo, e seus olhos lembrando os de um coelho assustado. Ela apontou algumas vezes na direção sul, e depois apontou para John e sua mãe.

Enquanto a mulher branca e a garota morena conversavam, John analisava esta última. Seu rosto em forma de coração era emoldurado pelos cabelos negros como azeviche puxados para trás, presos numa trança. Ela usava brincos de pedras preciosas e um colar de ouro. Seu sari, de um delicado tom de rosa, era enfeitado de verde e dourado. Seus pés estavam descalços, mas como ele já observara antes, havia jóias de ouro em seus tornozelos, bem como nos braços. Ela era a garota mais bela que ele já vira.

Finalmente Amy Carmichael falou em inglês, mais para si mesma:

— Devemos explicar-lhe, Jóia, porque Deus a arrancou da lama e a trouxe para o Seu reino da luz. Ele quer polir seu coração, fazendo-a brilhar para Ele.

Depois voltou-se à Sra. Knight e John:

— Jóia vem de uma casta mercantil; seu pai, um viúvo, era um homem riquíssimo. Mas morreu no ano passado, e deixou-a aos cuidados de um tio. Em seu testamento, o pai nomeou Jóia como sua herdeira, devendo ela receber a herança quando completasse dezoito anos, ou

quando se casasse, caso isso viesse primeiro. Agora o tio quer apoderar-se do dinheiro, então arranhou para que ela se case com um parente distante dele — um velho de cinqüenta anos!

— Oh, não! — lamentou a Sra. Knight. — Ela não deve ter mais de doze anos!

Amy sacudiu a cabeça tristemente:

—Ah, se ao menos isso fosse proibido! Mas noivas infantis são muito comuns na Índia. Jovencinhas de doze ou treze anos se casam e têm filhos, antes de saírem da adolescência. Se o marido é velho e morre, a jovem viúva é responsabilizada pela sua morte, e torna-se escrava dos parentes dele, sofrendo maus-tratos pelo resto da sua vida.

—Acho que ela nos seguiu desde Quatro Lagos — comentou John. — Eu a vi duas vezes antes que chegássemos ontem à noite.

A Srta. Carmichael sorriu.

—Vocês não sabiam que a estavam guiando até nós, mas todas as coisas cooperam juntas no plano de Deus. Ela é de Vallioor — a cidade onde ficam os correios e o telégrafo. Jóia tinha apenas ouvido sobre a *Amma* branca e a grande casa "onde as crianças crescem em segurança". Ela fugira para Quatro Lagos, e lá, ao ver pessoas brancas viajando, resolveu segui-las, esperando que viessem para cá.

Nesse momento, Arul subiu correndo ao alpendre.

— Amma! Há um homem no portão, muito bravo!
— informou ele, atropeladamente, em tâmil. — Ele veio procurar a menina!

O efeito sobre a garota foi eletrizante. Em altos brados, lançou-se aos pés de Amy. A missionária levantou-a, acalmando-a com palavras em tâmil. John podia ouvir o sino batendo furiosamente no portão.

— Arul, deixe o homem entrar — ordenou a Srta. Carmichael, calmamente.

Ela puxou a menina para o banco onde estava sentada, e colocou os braços de forma protetora à sua volta. Algumas auxiliares indianas — mulheres e meninas — ouvindo a comoção, reuniram-se a certa distância para olhar.

Em poucos minutos Arul retornava com o homem indiano que, caminhando a passos largos, dirigia-se ameaçadoramente à casa. Ele usava um *topi* — chapéu de tecido sem aba —, uma longa túnica e uma calça bem justa, e carregava um bastão.

Surgindo de repente, Azim colocou-se à frente do homem. Arul também girou sobre os calcanhares e enfrentou o adversário. O pequeno grupo na varanda — Amy Carmichael, Jóia, a Sra. Knight e John — levantaram-se e o encararam, embora Jóia escondesse o rosto no braço de Amy.

Os olhos do homem estreitaram-se e sua face endureceu. Apontando para Jóia, ele falou rapidamente em tâmil. Sem entender nada, John, que estava meio oculto atrás de Arul, cochichou-lhe:

— O que ele está dizendo?

— Ele diz que ela é sua sobrinha, e está sob sua tutela — traduziu o menino mais velho. — E que ela deve voltar agora mesmo para a casa dele.

A princípio, a Srta. Carmichael nada disse. Mas então, voltou-se para Jóia e, gentilmente, encorajou-a a levantar a face e olhar para o tio. Depois falou ao homem em tâmil. Em voz baixa, Arul interpretou para John:

— Amma pergunta se a criança está para casar.

O homem responde que sim; está tudo arranjado... Agora Amma está perguntando a Jóia se ela quer se casar.

John viu Jóia balançar a cabeça e dizer uma única palavra, de modo vigoroso e determinante. Mesmo sem conhecer tâmil, John compreendeu que ela dissera "não".

— Agora Amma está perguntando se Jóia quer ir com o tio — continuou Arul. — Ela responde que não; quer ficar aqui... O tio fala: "Ah, é? Ela é apenas uma menina. Isto não é ela quem decide...". Mas Amma diz que a escolha é dela sim, e ela vai ficar aqui.

Isso deixou o tio furioso. Ele agitou o bastão em direção a Jóia, depois em direção a Amy, e então soltou uma torrente de palavras iradas. Azim deu um passo à

frente, e o homem recuou. Com mais algumas palavras e gestos ameaçadores, ele girou sobre os calcanhares e marchou rumo ao portão em largas passadas.

— O que ele disse? — sussurrou a Sra. Knight, cuja face tornara-se repentinamente pálida.

— Ele disse que somos culpados de seqüestro, e que ainda não ouvimos sua última palavra. — Informou-a Amy Carmichael. Depois ordenou a Arul: — Certifique-se de que o portão esteja trancado. Necessitamos de precauções extras, por enquanto.

Arul saiu correndo. Amy dirigiu-se ao pequeno bando de meninas que assistira a cena, deu alguns abraços tranqüilizadores, e mandou-as de volta às suas tarefas. Depois voltou ao alpendre e comunicou:

— Leslie, acredito que Deus enviou você e John exatamente para esta ocasião. Deixe-me contar-lhe minha idéia...

Capítulo 5

Crucificação em domingo de Páscoa

A idéia de Amy Carmichael era simples: ela queria que a Sra. Knight e o filho ficassem várias semanas, para ajudá-la a cuidar de Jóia.

— As *manas* e eu estamos sobrecarregadas com as outras crianças. Temos mais de trinta, agora, e muitas delas são bebês! Jóia necessitará de cuidados especiais por causa de sua casta. Até Deus derrubar as barreiras, precisaremos respeitar as restrições de sua casta tanto quanto possível. Mas ela estará solitária, não se misturando com as outras meninas, e precisará de companhia. E, dado o perigo, seria de grande ajuda termos Azim e John auxiliando Arul a vigiar o complexo.

— Mas nem mesmo falamos a língua dela! — protestou a Sra. Knight.

Amy sorriu.

— Arul poderá interpretar, quando necessário. Mas *amor* é a mesma coisa em qualquer linguagem.

A Sra. Knight tinha boas objeções. Planejara ficar apenas uma semana. E se o seu marido voltasse para casa

enquanto ela estivesse fora? E os estudos de John? Estaria ela negligenciando seus deveres em Palamcottah?

— Essas são preocupações razoáveis, Leslie. Busque a vontade de Deus — aconselhou Amy. — Ele lhe mostrará o que fazer. Mas acredito que sua chegada no mesmo dia em que Jóia nos encontrou não seja mera coincidência.

Mais tarde, a Sra. Knight foi caminhar com John perto do rio que corria ao longo do muro ocidental do complexo Dohnavur.

— Sinceramente, não sei o que pensar — confessou ela ao filho.

John encolheu os ombros:

— A senhora pode ensinar-me aqui, tão bem quanto em casa, mamãe.

— Bem... suponho que sim.

— E o que a senhora faria em Palamcottah? Tomaria chá com a esposa do coronel e teria todos aqueles servos pairando à sua volta, fazendo tudo, exceto pensando pela senhora?!

A Sra. Knight sorriu.

— Quando você coloca as coisas desse jeito... — E então ela suspirou. — Mas eu detestaria estar ausente quando seu pai retornasse. Isso não parece correto.

John apanhou uma pedra e atirou-a no rio.

— Envie uma mensagem a papai. Peça-lhe que nos avise quando estiver voltando. Ao menos poderemos ficar até lá.

— Acho que você está certo.

Leslie silenciou por alguns minutos, depois continuou:

— Na verdade, nunca antes eu pensara em buscar a vontade de Deus ao tomar uma decisão. Isto é, guardo os mandamentos e vou a igreja religiosamente, mas...

— Ora, a senhora é uma boa cristã, mamãe!

— Hmm. Talvez. Mas Amy Carmichael vive como se Jesus estivesse exatamente aqui na Índia, e ela fosse um de seus discípulos.

Naquela tarde, a Sra. Knight comunicou a Amy que ficariam até que seu marido retornasse da viagem de negócios. Imediatamente a missionária elevou uma pequena oração de louvor a Deus. Azim foi enviado a Vallioor a fim de telegrafar uma mensagem para a casa deles, em Palamcottah, e outra a Sanford Knight, em Bangalore. Jóia mudou-se para a Casa de Hospedes com a Sra. Knight.

Os dias entraram numa rotina: A Sra. Knight ensinava John pela manhã, enquanto as meninas de Dohnavur permaneciam ocupadas em suas salas de aula. Jóia sentava-se perto de Leslie, tecendo num tear manual. Às vezes, entre uma tarefa e outra, Arul sentava-se e

acompanhava uma lição. Nessas ocasiões, a sala de aula da Casa de Hóspedes freqüentemente degenerava numa troca de idiomas.

— Como você diz "estou com fome"?... "Bom dia"? "Vou partir"? — Indagava John a Arul.

Os esforços do menino inglês para falar alguma coisa em tâmil sempre arrancava risadinhas de Jóia. Mas a permuta de idiomas a intrigava. Ela deslizava para perto e logo começava a tentar algumas palavras em inglês.

Durante a tarde, John ajudava Arul com o trabalho da terra em Dohnavur. *Amma* — como Amy era chamada por todos — queria uma nova horta para ajudar na alimentação da crescente família Dohnavur. Assim, John e Arul passavam dias escavando um novo canteiro e retirando fora as pedras. As meninas mais velhas podiam ser vistas noutra horta ou jardim, arrancando o mato que crescia ao redor das novas mudas, ou tirando água do poço para manter úmido o solo. Outras vezes John as via dirigindo-se à Casa da Tecelagem ou à Casa do Laticínio.

À noite, a "família" Dohnavur reunia-se na Casa de Oração para o culto liderado por Amy, ou uma das mulheres indianas. John patrulhava o complexo com Azim ou Arul, verificando se os portões estavam bem trancados. Ele adorava ouvir as meninas cantar; suas vozes límpidas pareciam elevar-se no ar quente e silencioso, e depois descer como um véu sobre as folhas das altas palmeiras.

Várias semanas se passaram; março fundiu-se com abril. No sábado, véspera da páscoa, Arul entregou a John um balde com uma substância marrom escuro, explicando:

— Os bebês não estão aqui hoje; as *manas* levaram-nos a um passeio. Precisamos pôr um novo assoalho no berçário.

Novo assoalho? O que Arul estava querendo dizer? John seguiu o garoto mais velho para uma das cabanas com telhado de palha, onde ficavam os bebês. A mobília simples e as esteiras de dormir tinham sido levadas para fora. Arul mostrou a John como despejar a mistura marrom no chão e espalhá-la uniformemente com uma trincha.

— O que é esta coisa?—quis saber John. —Parece lama morna.

— Estrume de vaca.

— Estrume de vaca?! — John deixou cair a trincha e deu um pulo. Seu estômago virou só de ele pensar em pôr a mão naquela coisa pegajosa.

— Não posso fazer isto. — Murmurou John, encaminhando-se à porta. Aquilo era demais — pensou. Uma coisa era revolver canteiros e retirar pedras do solo para a Comunidade Dohnavur, mas para tudo havia um limite, e ele não ia atolar as mãos numa mistura de estéreo. Ele era um hóspede, um voluntário! Pelo amor de Deus!

Uma voz feminina, de timbre gentil, o surpreendeu:

— Posso ficar com esse balde?

Era Amy Carmichael. Ela apanhou o balde, e colocou-se de quatro ao lado de Arul, espalhando o líquido espesso pelo soalho. John corou e olhou sem jeito para o chão.

Quando o piso estava coberto, Amy esticou as costas e saiu.

— Na Comunidade Dohnavur todos trabalham, John, grandes e pequenos. Limpo ou sujo, é feito para Deus.

Ela sorriu, entregando-lhe o balde, e desapareceu no canto da cabana.

John suspirou.

— Mas... por que estéreo de vaca? — perguntou finalmente a Arul.

— A vaca é um animal muito útil — respondeu o rapazinho, com um largo sorriso. — Estrume seco é um bom combustível. E quando está seco, não cheira. Como você viu, o estrume fresco é misturado com água e passado no chão. Ao secar-se, torna-se um macio assoalho, bem melhor que os duros assoalhos Ingleses. Macio para dormir, e quente na estação fria.

John apanhou a trincha e o balde e seguiu Arul ao próximo berçário.

Quando ambos os berçários estavam de "soalho" novo, os dois meninos lavaram-se num dos poços e dirigiram-se à casa principal. Quando se aproximavam,

viram que havia uma carruagem puxada por dois cavalos, e um cocheiro dentro do complexo. Um homem alto, usando um chapéu de sol parecido com um capacete, estava conversando com a mãe de John na escada do alpendre.

— Pai! — gritou John, soltando o balde, e correndo pelos últimos poucos metros.

Sanford Knight sorriu, e cumprimentou o filho com um aperto de mão varonil e uma palmada no ombro.

— Vejo que esteve ocupado, John. O rapazinho corou.

— Eu... eu preciso trocar de roupa. Estava trabalhando numa coisa um pouco suja.

— Posso ver — ajuntou o pai. — Vá se trocar. Quero que se junte a mim e sua mãe para uma conversa... na Casa de Hóspedes, você disse, Leslie?

John mudou rapidamente as roupas, na cabana de Arul, e depois encontrou os pais.

— Não recebeu minha mensagem sobre minha chegada em casa, Leslie? — estava dizendo o pai.

— Receio que não, Sanford, ou certamente eu teria retornado a Palamcottah. Alguém daqui costuma buscar a correspondência em Valioor. Sua mensagem provavelmente deve estar lá ainda. Sinto-me terrivelmente culpada por você haver feito todo esse percurso por nós.

— Que negócio é esse de estar ajudando a cuidar de uma menina fugitiva... Jóia... é este seu nome?

Francamente, Leslie! Você sabe como me sinto sobre interferir nos assuntos domésticos do povo indiano.

— Eu sei, Sanford. Mas é diferente quando uma criança corre para os seus braços, porque está aterrorizada com a obrigação de se casar com um homem, que tem cinco vezes a idade dela.

Sanford Knight franziu as sobrancelhas.

— A Srta. Carmichael tem boas intenções, Leslie, mas há conseqüências legais para as ações dela. Não quero minha própria esposa e filhos *quebrando a lei*. Além de tudo, sou o magistrado do Distrito de Tinnevelly!

John sentou-se nos degraus da varanda enquanto os pais conversavam. Talvez seu pai tivesse razão... ele não pensara **que** aquilo pudesse ser violação da lei. Cogitou no que poderia acontecer a Jóia quando eles se fossem.

Azim, por outro lado, estava visivelmente aliviado por estarem voltando para casa. Em sua opinião, as coisas eram misturadas demais naquele lugar. Mulheres e meninos brancos faziam trabalhos de servos; servos eram convidados a sentar-se e comer; a distinção das castas estava perdida, queixava-se ele freqüentemente a Arul.

Sanford Knight concordou em esperar até a celebração da páscoa e, na manhã seguinte, iniciar a viagem de retorno ao lar com a família. Pouco antes do amanhecer, os três Knights, com Jóia abraçada tristemente

à Leslie, juntaram-se à multidão de meninas alvoroçadas e suas *manas*, em frente à casa principal.

— Ele está subindo! — gritavam as pessoas umas às outras, em inglês e em tâmil.

— É verdade! Está subindo! Aleluia! — vinha a resposta. A multidão fez o percurso rodeando a escola e as cabanas das meninas, através das trilhas circulares de tijolos que marcavam cada setor do complexo, dando acesso ao Jardim de Deus.

— Por que o jardim tem esse nome? — indagou John a Arul.

— Os bebês que ficam doentes e morrem são enterrados aqui. Mas eles não tem marcadores de túmulos, apenas flores e árvores. Os bebês estão no céu — o jardim de Deus.

No jardim, Amy conduziu os cânticos da páscoa em inglês e tâmil. O sol luzia vermelho e glorioso, banhando o céu num cor-de-rosa vivo, radiante de luz. Por toda parte ouvia-se a alegre algazarra dos pássaros. *Seria aquilo uma comemoração do dia em que Jesus surgiu da sepultura?* — ponderou John.

O grupo finalmente voltou à casa principal para tomar o desjejum de páscoa, transformando-o num piquenique. Jóia balançou a cabeça negativamente, quando lhe ofereceram alimento; ela prepararia algo mais tarde. Quando estavam sentados no chão, saboreando frutas

frescas e pães, feitos especialmente para a ocasião, o sino do portão da frente começou a repicar. Arul correu a atender.

— Deve ser a carruagem — observou o pai de John.
— Pedi ao cocheiro para chegar cedo.

Mas não era a carruagem. Dois homens marcharam resolutos, seguindo Arul pelo complexo. Um deles era o tio de Jóia; o outro, um policial indiano.

Amy Carmichael levantou-se para recebê-los. Leslie Knight lançou um braço protetor ao redor de Jóia, que estava trêmula de medo.

O tio de Jóia agitou um papel diante de Amy e, com desdém, proferiu algumas palavras em tâmil. John ouviu Arul respirar fundo e cochichar para os Knights:

— Ordens da polícia. Jóia deve retornar com seu tio. Amy já ia dizer algo, quando Sanford Knight ficou de pé e aproximou-se dela.

— Srta. Carmichael — começou ele —, compreendo que sou um hóspede aqui. Mas também sou um oficial da corte do Distrito de Tinnevelly. E devo dizer-lhe que, legalmente, você não tem o direito de manter a menina aqui, não importa quão trágica lhe pareça a situação dela. A penalidade por ignorar um mandato policial pode ser a prisão.

— Não me preocupo por mim. — Respondeu Amy, calmamente.

— Mas deve pensar em todas as pessoas sob seus cuidados. Se preferir, você poderá fazer um requerimento legal na corte, e deixar o juiz decidir os acontecimentos.

As vozes silenciaram. Apenas os pássaros nos tamarindos continuaram seu trinado. Então, lentamente, a "mãe" de Dohnavur caminhou até Jóia e abaixou-se. Ela falou primeiro em tâmil, depois em inglês.

— Jóia, o papel diz que você deve ir com o seu tio. Mas nós lutaremos. Irei à corte e pedirei que a deixem viver em Dohnavur, permanentemente. Enquanto isso, Jesus, seu amigo, estará com você.

O tio, compreendendo que ninguém o impediria, caminhou a passos largos até Jóia e arrastou-a bruscamente pelo braço.

De repente, Jóia começou a gritar e a chutar. O policial indiano pegou seu outro braço, e os dois homens a conduziram, ora arrastando, ora empurrando, em direção ao portão. John ouviu Amy ofegar:

— Tenha misericórdia, Senhor!

E a mãe de John rompeu em soluços. John deu um passo involuntário, porém seu pai colocou a mão em seu ombro, detendo-o. John lançou um olhar desamparado ao trio que desaparecia no portão. Contudo, os gritos lamentosos de Jóia puderam ser ouvidos por um longo tempo.

John empurrou a mão de seu pai e saiu correndo da área do piquenique. Lágrimas quentes ardiam em seus olhos. Páscoa? Ressurreição? Parecia, isto sim, uma crucificação.

Capítulo 6

Swami-apaixonado

A viagem a Palamcottah foi tensa. John sabia que seu pai estava certo — isto é, legalmente. Mas parecia tão *errado* terem ficado parados lá, e deixado aqueles homens maus arrastarem Jóia contra a sua vontade. A mãe de John chorou durante toda a viagem.

— Calma. Calma, minha querida — Sanford tentava consolá-la. — E impossível resgatar todas as meninas para quem os parentes arranjam casamentos. Admito que é um mau costume, mas é legal.

— Então mude a lei! — estourou Leslie. Ela assoou o nariz no lenço e desculpou-se:

— Sinto muito, Sanford. Sei que não é culpa sua; você é apenas o magistrado. Mas todas essas crianças forçadas a entrar nessa espécie de escravidão legal... é um pecado!

O mês de maio era o pior da estação seca, com temperaturas elevadíssimas. O Sr. Knight pretendia mandar a esposa e o filho para Ooty, a fim de escaparem

do calor, mas desistiu, alegando que a família já estivera separada por tempo demasiado. John entraria na escola em Junho; então viajariam a Ooty.



A estação das chuvas veio bem a tempo, em junho. Danças alegres encheram as ruas, enquanto os arrozais se alagavam, e a terra ressecada recebia sua bebida anual. Mas isto tornou miserável a viagem de trem que os Knights fizeram a Ooty, quando se dirigiram à Escola Kingsway para Meninos. Os vagões tinham de estar fechados, e o calor úmido era sufocante até na primeira classe. Mas quando finalmente sacolejavam no trem especial, fazendo a última subida das montanhas Nilgiri, John pôde inclinar-se na janela e deixar o vento refrescante bater-lhe no rosto.

O pequeno trem estava lotado de meninos que retornavam à escola, acompanhados de suas famílias. John olhou em volta, imaginando se seria capaz de fazer amizades. Ele estivera solitário em Palamcottah, e se separara de seu amigo Arul, o rapazinho indiano mais velho que ele. John suspirou. Bem, tinha de pensar na escola agora, e fazer o melhor que pudesse.

Designaram para John um quarto com dois outros meninos da classe. Depois que Azim depositou a bagagem

no aposento, o Sr. Knight tirou a mãe de John rapidamente de lá.

— Ele se sentirá melhor se não o ficarmos rodeando. — Sussurrou para ela.

Os garotos pareceram amáveis o bastante para trocarem apertos de mãos e falarem amenidades.

— Ei, você é o novo aluno? — apresentou-se um alto e magricela. — Eu sou Jim. Este é Torry. Ele é irlandês! — Completou o garoto dando um soco amigável na cabeça ruiva de Torry.

— Ooty não é uma piada? — brincou Torry. — Claro, aqui fica a escola, mas fora da época das chuvas, parece um banho a vapor!

— E com todos esses swamis se acotovelando! — suspirou Jim.

John estava perplexo:

— Swamis? Você quer dizer *swami*, os mestres religiosos hindus?

— Swamis, wamis, não importa. — Riu Jim. — Todos os meninos nativos e seus deuses feios. Eles me dão arrepios. Nunca sei o que estão pensando.

John ficou em silêncio, inseguro quanto ao que dizer. Finalmente falou:

— Nem todos os indianos são hindus ou muçulmanos; alguns são cristãos.

— Ou fingem ser — contradisse Jim —, apenas para obter vantagens dos britânicos.

— Realmente, não. — Negou John. — Tenho um amigo... seu nome é Arul Dasan. Ele tornou-se um cristão, e sua família ameaçou passar-lhe pimenta nos olhos.

—Viu?! Está vendo só?! Totalmente bárbaro! Esse povo não é civilizado.

John fechou a boca, apertando-a num fino traço. Não gostou do rumo que a conversa estava tomando. Ocupou-se alinhando seus livros na pequena prateleira acima de sua escrivaninha.

— Ei, e quanto a esse seu companheiro Arul? — insistiu Jim. — Ele continua seu amigo? Como o conheceu?

— Na Comunidade Dohnavur — respondeu John, relutante, enfiando sua mala de viagem sob a cama. — Minha mãe e eu ficamos lá um mês, ajudando a cuidar de uma menina que estava para ser casada como uma noiva-infantil.

Tão logo isso saiu de sua boca, John arrependeu-se de havê-lo dito.

— Oooh! Uma menina! — assobiou Torry.

— Não somente uma menina, mas uma menina nativa. — Acrescentou Jim, rolando os olhos. Ambos os meninos deixaram-se cair em suas camas, dando gargalhadas.

John empertigou-se e marchou para a porta. Achou melhor sair antes que dissesse algo de que se arrependesse.

— Ei, não se vá, antiquado maluco — riu Jim. — É só porque nunca tivemos antes um *swami-apaixonado* como companheiro de quarto.

E os dois garotos ficaram se socando mutuamente nos braços, alegremente, enquanto John escapava pelo corredor.

Sentindo-se péssimo, John livrou-se da gravata e empurrou fundo as mãos nos bolsos do paletó, enquanto descia as escadas para o primeiro andar. Encaminhou-se ao escritório da escola e pediu para ver o diretor. Após quinze minutos de espera, John foi introduzido na diretoria.

— Humm, o jovem Knight, não é? — Disse o diretor, Sr. Bath.

— Sim, senhor.

— Está tudo bem?

— Sim, senhor. Eu suponho. Mas o que a Kingsway oferece em idiomas?

— Ora, todos os idiomas clássicos, claro: latim, grego; e francês, alemão...

— Algum dialeto indiano? Tâmil, por exemplo? O diretor olhou para John:

— Dialeto indiano? Ora, não. Eles dificilmente seriam necessários. As mais altas categorias na Índia Britânica falam inglês.

— Mas não o povo, senhor. Entendo que a Índia tem muitas línguas e dialetos, mas tâmil é a linguagem mais comum no sul da Índia, onde meu pai está comissionado como magistrado. Estou interessado em aprender tâmil.

O diretor franziu os lábios e destampou uma caneta de sua escrivaninha.

— Interessante... interessante. Bem, receio não poder ajudá-lo, Sr. Knight. Não temos professores indianos em Kingsway. Britânico para os britânicos, indiano para os indianos, você sabe. Mas, hmmm...

O Sr. Bath levantou-se da grande escrivaninha e olhou, através da janela, para a cidade de Ooty aninhada nas abas das montanhas Nilgiri.

— Há um jovem advogado indiano que fala inglês e tâmil, e vive aqui em Ooty. Ele poderia ensinar você. Aqui...

O diretor rabiscou um nome num pedaço de papel e entregou-o por cima da escrivaninha. Então apontou um dedo para John:

— Mas eu aviso, Sr. Knight, aprender tâmil será um *robie* para seu tempo livre. O que é raro em Kingsway. Se eu souber que você está negligenciando seus estudos regulares, ordenarei que pare. Entendeu?

John aquiesceu e retirou-se com o pedaço de papel. Deu uma olhada no nome: Sr. Rabur, Woodcock Lodge.

Guardando o papel na carteira, John fez uma promessa: decididamente não mencionaria as lições de tâmil a Torry e Jim.



Na Kingsway, John estava sempre ocupado com suas lições. Pudera ver os pais apenas uma vez, numa tarde de domingo, quando estes passaram uma semana de férias em Willingdon House. Mas depois de haver jantado com os pais no Clube Ooty, John recusou a carruagem que o levaria de volta à escola, dizendo que gostaria de ir a pé.

Woodcock Lodge não ficava muito longe do clube, uma atraente pensão para homens solteiros que vinham fazer negócios em Ooty. O Sr. Rabur ficou um tanto surpreso com a visita de um aluno da escola inglesa, mas pareceu contente com o pedido de John para ensinar-lhe tâmil.

— Muito incomum, jovem saíbe — riu o jovem advogado indiano. — Estou honrado. O que me diz de domingo à tarde? Mas não será suficiente; tâmil é uma língua difícil. Você terá de estudar durante a semana também.

— Sim, senhor. — John abriu um sorriso. — Vou estudar firme.



John procurou ter um relacionamento razoável com Jim e Torry, apesar de suas constantes chateações.

— Ei, swami-apaixonado, precisamos de um goleiro para o futebol.

— Ah-ah! O swami-apaixonado recebeu uma carta! Deve ser de sua garota nativa!

A carta em questão era da mãe de John, datada em 2 de julho, de 1909.

Meu querido filho... começava ela.

As chuvas nos mantém fechados em casa a maior parte do tempo. Fico imaginando se o mesmo acontece com você. (Melhor para estudar!) Mas infelizmente, o campo de futebol estará encharcado. Não se importe com a lama; jogue duro!

Tive notícias da Srta. Carmichael. Ela terá audiência na corte este mês, pois tem feito petições para ficar com a custódia de Jóia até a data do julgamento, quando se resolverá a sua situação. Seu pai acha que ela embarcou numa canoa furada. Pode ser que isso seja verdade. Ela precisa desesperadamente de um advogado simpatizante...

Advogado! John não poderia esquecer a carta de sua mãe, na próxima vez que fosse a Woodcock Lodge para sua lição de tãmil.

Embora conhecesse o Sr. Rabur havia somente algumas semanas, John achou-se contando ao jovem advogado indiano toda a história de seu encontro com a Srta. Carmichael, da viagem a Dohnavur, de Jóia batendo no portão e clamando "Refúgio! Refúgio!", e depois seu tio arrastando-a na páscoa.

O Sr. Rabur ouviu em silêncio. Quando John terminou, ele comentou:

— Hmm. Um caso interessante.

John ganhou mais ousadia:

— Poderia ajudar a Srta. Carmichael, Sr. Rabur? Não sei como eu poderia pagar seus honorários, mas...

Parado à janela de sua sala de estar, o advogado indiano contemplou as nuvens envolvendo as montanhas em denso nevoeiro.

— Tenho de ir a Palamcottah na próxima semana. Posso investigar o caso... verei o que posso fazer. Mas, jovem sabe, eu não prometi nada.

John deu um grande sorriso. Ele praticamente voou para fora de Woodcock Lodge, quando a aula terminou, e quase chocou-se com Torry e Jim, parados na trilha de pedra.

— Então, o que é isto? — zombou Jim. — Nosso amigo misteriosamente desaparece todas as tardes de domingo, e aqui está ele: visitando uma pensão!

— Uma garota, Sr. Knight? Está namorando? —
Provocou Torry.

— Muito engraçado. — Foi o comentário de John. E começou a andar rapidamente de volta à escola. Não queria dar explicações àqueles dois marotos sobre o Sr. Rabur e as lições de tâmil. Mas os rapazes o atormentaram durante todo o percurso para Kingsway, até que finalmente John estourou:

— Meu pai é um juiz, certo? Então eu recebi uma carta de minha mãe sobre algumas questões legais; ela pediu-me para passar uma mensagem a um advogado aqui de Ooty. E agora, estão satisfeitos?

Não era exatamente a verdade, mas por ora bastava.

— Oooh, não se irrite! Por que não disse logo? —
Exclamou Jim. Ele despenteou o cabelo de John e fugiu rindo com Torry.

John suspirou. Jim e Torry até eram legais, às vezes. Mas ele desejava ter alguns amigos verdadeiros.

O Sr. Rabur só foi a Palamcottah no domingo seguinte, então John teve de esperar duas semanas antes de saber se algo acontecera. Numa bicicleta emprestada de um colega de classe, ele patinhou através das ruas de Ooty, até Woodcock Lodge, embaixo de um aguaceiro. Ele estava começando a se cansar daquelas monções, embora fosse "exatamente como estar em casa" na chuvosa Inglaterra.

— Entre, jovem saíbe! — sorriu o Sr. Rabur. —
Você precisará secar-se ao fogo.

John aceitou uma xícara de chá quente e estirou os pés molhados em direção ao fogo, na sala de estar do Sr. Rabur. E então perguntou em perfeito tâmil:

— Obteve algum sucesso em Palamcottah? O Sr. Rabur atirou a cabeça para trás e riu.

— Você esteve trabalhando, hem! Estou orgulhoso de você. E, sim, tenho novidades.

O jovem advogado indiano tinha ido ao escritório do magistrado em Palamcottah, e arranjado para se avistar com a Srta. Carmichael antes da audiência. Ele oferecera seus serviços de graça. "Um favor para um amigo", dissera Rabur.

— Meu pai ouviu o caso? — interrompeu John. — Ele é o magistrado júnior em Palamcottah.

— Não... estava lá um velho cavalheiro, que vai se retirar este ano. — Contou o Sr. Rabur.

— O magistrado sênior. — Confirmou John. — Bem, continue.

Na audiência, ambos os advogados apresentaram as petições de seus clientes. O outro advogado dissera que seu cliente era o guardião legal de sua sobrinha, e o casamento já estava arranjado. O Sr. Rabur alegara que a criança se opunha veementemente ao casamento, e até fugira de casa uma vez. Ela queria viver na Comunidade Dohnavur e ir à

escola. Sua cliente, a Srta. Carmichael, estava solicitando à corte a custódia temporária da menina, até que a questão pudesse ser decidida pela mesma corte. O jovem advogado Rabur argumentou que os interesses da criança deveriam ser levados em conta, e a custódia concedida, a fim de que ambos os lados tivessem tempo para preparar devidamente o caso. Se a menina continuasse com O tio, que garantia teriam de que o casamento não se realizaria antes que o caso pudesse ser decidido?

— O que me deixa mais alegre é poder informá-lo de que o Juiz foi favorável à Srta. Carmichael — por enquanto. — Contou o Sr. Rabur.

— Então foi assim? Exatamente assim? — rejubilou John. — Jóia foi para casa com a Srta. Carmichael? Hurra!

— Não é assim tão simples — acautelou o Sr. Rabur. — Como o caso ainda não tinha sido decidido, o magistrado respeitou a vontade dos parentes de Jóia, pedindo que seja observada a sua posição social. Isto é, ela não pode ingerir alimentos preparados por alguém de fora da sua casta, nem comer com outras pessoas que não sejam dessa mesma casta. Além disso, ela não pode mudar de religião. Isto foi tudo detalhado num acordo entre as suas partes.

— Isso significa que ela terá de cozinhar para si mesma e comer sozinha — concluiu John, franzindo a testa. — Ela é a única de sua casta em Dohnavur. E,

perdoe-me, Sr. Rabur, mas é difícil permanecer na Comunidade Dohnavur e não desejar ser um cristão.

— Não se desculpe, jovem saíbe. — Sorriu o Sr. Rabur. — Eu, também, sou um seguidor de Jesus. Foi por esse motivo que concordei em ajudar a Srta. Carmichael a preparar-se para o julgamento.

Capítulo 7

Fogo!

A escola fez uma pausa em meados de outubro, para as "férias de inverno", e John viajou sozinho de trem, de Ooty a Palamcottah. Na "estação fria", a temperatura caíra para vinte e cinco a trinta graus na planície. E, ao longo da ferrovia, os arrozais maduros ondulavam gentilmente à passagem dos colhedores.

Após quatro meses na britânica Ooty, John quase se esquecera das multidões nas cidades indianas. Enquanto ele esperava na fila da estação para comprar a passagem, quatro ou cinco pessoas espremeram-no por trás, agitando *rúpias* por sobre seu ombro, tentando obter suas passagens.

Ele tinha ido bem na escola — uma notícia que alegraria Sanford Knight. Após o almoço, sentado no alpendre da grande casa em Palamcottah, John respondeu perguntas sobre aulas, esportes, professores e os outros alunos. Ele decidira nada dizer sobre o aborrecimento que lhe causavam os outros meninos.

John estava feliz por ver que a mãe parecia estar bem, e descansada.

— É a estação fria — sorriu ela. — Esta é a índia em sua melhor cara!

Depois que seu pai voltou ao trabalho na corte, John perguntou:

— O que está acontecendo em Dohnavur? Quando será o Julgamento? A senhora tem visto Jóia, ou Arul, ou a Srta. Carmichael?

— Uma pergunta de cada vez! — riu sua mãe. — Não, a data do julgamento foi adiada. O advogado do tio de Jóia está sempre apresentando uma proposta ou uma queixa. Não entendo todos esses assuntos legais. E, sim, tenho estado em Dohnavur cinco ou seis dias por mês, como voluntária. Jóia está desabrochando, embora se queixe de ter de cozinhar e comer sozinha. *Amma* disse à Jóia que esta é a cruz que ela deve carregar para Jesus agora. E Arul sempre pergunta de você.

— Verdade? — John estava satisfeito. — Nós podemos... tudo bem se eu for com a senhora à Dohnavur, da próxima vez?

A mãe de John balançou a cabeça.

— Penso que sim. Seu pai fala que estou muito envolvida no trabalho de Amy Carmichael, o qual ele não aprova absolutamente. E ele não está sozinho nisso. Tenho ouvido críticas de britânicos e indianos. Mas seu pai concorda que eu visite Dohnavur uma vez ao mês, desde

que isso não atrapalhe minhas obrigações sociais como esposa de magistrado.

Poucos dias depois de John retornar ao lar, chegou uma carta da Comunidade Dohnavur.

— Algumas *manas* e muitas crianças estão doentes — informou Leslie, lendo depressa a carta. — E o tio de Jóia tentou agarrá-la, quando ela foi a Quatro Lagos com as outras meninas. Felizmente, ela escapou dele e voltou salva. Mas Amy Carmichael quer saber se nós — você e eu, John — poderíamos ir ajudá-los por alguns dias.

Relutantemente o Sr. Knight concordou, mandando Azim com eles. E assim, mais uma vez, John achou-se a caminho **de** Dohnavur. Ele recordou sua primeira viagem pela zona rural, seis meses antes, e o elefante do templo "abençoando-o" com a tromba.

Em Quatro Lagos, eles novamente deixaram a carruagem alugada retornar a Palamcottah, e tomaram um carro de boi coberto para percorrer as últimas milhas. Quando a primitiva condução aproximou-se do portão arqueado da Comunidade Dohnavur, John pensou ter visto dois vultos ocultando-se entre as árvores e arbustos. Mas com o sol da tarde brilhando em seus olhos, ele não pôde ter certeza.

Arul estava encantado em rever seu jovem amigo, e riu alto quando John disse em tâmil:

— Estou contente por ver você outra vez. Azim olhou surpreso quando ouviu John falar tâmil. John tinha guardado seu pequeno segredo, e se divertira muito com algumas coisas que o servo dissera em tâmil, sem saber que o garoto podia compreendê-lo.

— *Annachie?*—indagou John, voltando-se para Arul. Ele não aprendera aquela palavra em tâmil. — O que quer dizer?

Arul arreganhou os dentes:

— *Annachie* significa "irmão mais velho". Você e eu. Este é o nome que Jóia nos deu: *Annachie*.

Um estranho e cálido sentimento apertou a garganta de John. Por um momento ele não pôde falar. Irmão. Sim, era o que ele sentia que Arul era para ele: um irmão mais velho. E Jóia, sua irmã mais nova.

— Como se diz "irmã mais nova" em tâmil? — perguntou finalmente a Arul.

— *Tungachie*.

— *Tungachie*. — John fez a palavra rolar na língua. Depois, apontou a si mesmo para Jóia, pressionou as palmas das mãos numa saudação e disse:

— Jóia, *tungachie*.

Jóia apertou a mão sobre a boca, ocultando uma risadinha. Então ela pareceu voar sobre os pés descalços, de volta ao grupo de meninas mais velhas, que brincavam com os bebês sob um enorme tamarineiro. Foi quando

John notou a falta dos braceletes. Não mais havia jóias nos braços e tornozelos da menina.

— O que houve com os enfeites de Jóia? — perguntou ele à sua mãe, enquanto caminhavam para a casa principal a fim de ver Amy Carmichael.

Azim resmungou qualquer coisa, em tâmil, a respeito de as jóias das mulheres demonstrarem a posição social de suas famílias e atraírem casamentos convenientes. John fingiu que não tinha ouvido.

— Não tenho certeza — opinou a Sra. Knight. — Da última vez em que estive aqui, não vi os braceletes. Penso que ela tomou consciência de que as mulheres indianas daqui deixaram suas jóias de lado, a fim de mostrarem que amam a Jesus mais que as riquezas. Jóia deve tê-las tirado.

Amy Carmichael sorriu e deu-lhes calorosas boas-vindas. Seus olhos porém estavam cansados, e suas faces, pálidas. Então John e sua mãe compreenderam que a própria Amy estava doente. Leslie Knight ficou com Amy enquanto John foi desfazer sua mala na pequena cabana de Arul. Como fizera da vez anterior, Azim recusou uma cama lá dentro.

Então Arul mostrou o complexo a John. A horta que eles haviam cavado no último mês de março já produzira muitos vegetais para ajudar a alimentar a família Dohnavur. No Jardim de Deus, pequenos buquês

decoravam um novo montículo de terra de uma recente sepultura.

— Um dos bebês morreu na semana passada. — Comentou Arul em voz baixa. — Às vezes isso acontece. Satanás ataca com doenças. Mas a morte não tem poder aqui. Nós vamos viver com Jesus.

Quando passavam frente ao berçário, Arul provocou:

— Você chegou bem na hora de fazer o novo assoalho. John fez uma careta bem-humorada. Arul sorriu.

— Não se preocupe. Fizemos isso na semana passada. Mas...

— Ele apontou para os tetos de palha. — *Amma* quer reconstruir os berçários. O cupim está comendo as paredes, e...

— Não ouvi as crianças cantando algo sobre os cupins "tentando serem bons" por trabalharem duramente? — Interrompeu John rindo. — Mas meu tâmil ainda não é muito bom!

Arul também riu.

— Sim, sim, você está certo! *Amma* escreveu a canção dos cupins para as criancinhas. — Então o sorriso de Arul esmaeceu.

— Mas estamos preocupados. O tio de Jóia fez muitas ameaças de queimar estas casas. Tetos de palha são muito perigosos. Todas as noites devemos estar atentos.

Em turnos, John, Arul e Azim patrulhavam os arredores da Comunidade Dohnavur à noite, e dormiam de dia. A Sra. Knight insistiu que Amy fosse para a cama enquanto ela cuidava das *manas* enfermas. Uma clínica temporária fora instalada na casa principal para os bebês e as crianças doentes. As meninas mais velhas movimentavam-se pelos berçários, ajudando a cuidar dos bebês saudáveis.

Vários dias se passaram, e nenhuma criança mais adoeceu. Amy ganhou forças e tornou-se impaciente com as ordens estritas de Leslie Knight para que "ficasse tranqüila". Um dia ela chamou Arul e John e indagou se não tinham ouvido ou visto nada em suas patrulhas noturnas.

— Nada, *Amma*. Está tudo bem.

— Hmm. Prefiro quando o tio de Jóia se faz visível e barulhento. Essa quietude me preocupa. Arul, sei como isto pode soar estranho, mas eu gostaria que você providenciasse para que todas as *manas* suficientemente fortes, e as meninas mais velhas, enchessem de água todos os baldes e potes que você puder encontrar. Coloque quantos forem possível em cada casa Com teto de palha.

O que *Amma* mandava, todos faziam. Mas levou um dia Inteiro para se reunir todos os vasilhames que não estavam sendo usados, puxar água dos poços, e distribuir os potes cheios para cada cabana coberta de palha. John

tentou carregar um pote cheio de água sobre a cabeça, como faziam as *manas*, mas logo ficou encharcado. Depois disso, passou a carregar os potes no ombro.

Quando tudo ficou pronto, estavam todos cansados e com o corpo doendo.

— Certamente, esta noite podemos dormir. —
Observou John, estirando os músculos doloridos.

Contudo, Arul insistiu que rodeassem o muro, como haviam feito nas noites anteriores.

John mal podia manter os olhos abertos, mas obrigou-se a percorrer a distância desde o muro leste até o portão principal do Jardim de Deus, onde encontrou Azim, que patrulhava o muro ao norte. Então cada um retornou pelo caminho por onde viera.

Em dado momento, John pensou ter ouvido um estalido de ramos do outro lado do muro, e repentinamente todos os seus sentidos ficaram alertas. Parou com a respiração suspensa e ficou escutando. No entanto, embora parado dez minutos no mesmo lugar, nada ouviu. Finalmente recomeçou a caminhada.

E então, pelo canto dos olhos ele o viu: um objeto flamejante descreveu um arco por cima do muro e foi aterrissar no teto de palha de um dos berçários!

No mesmo instante, outra tocha veio voando por cima da muralha e atingiu a cobertura de sapé do segundo berçário.

— Fogo! — bradou John. — Socorro! Socorro! Fogo! Arremessou-se para dentro do primeiro berçário e sacudiu a *mana* adormecida junto à porta.

— Levante-se! — ordenou aos gritos. — Todos para fora! Fogo!

Numa fração de segundo, meninas e *manas* estavam acordadas, tirando da cama os pequeninos. John agarrou um bebê e correu para fora. Entregou-o a uma *mana* que já estava segurando uma criancinha e tentando ajuntar outras à sua volta. Sem parar para pensar, John correu para o segundo berçário. O fogo já se elevava do teto em direção ao céu.

O rapazinho mergulhou para dentro da porta escura. O lugar estava tomado pela fumaça.

— Levantem-se! Vamos! Fogo!

Prendendo a respiração, ele deu uma volta no aposento, sacudindo a *mana* e as meninas.

— Levantem-se! Fogo! — berrava ele.

Então agarrou dois pequenos embrulhos, arrebatando-os envolvidos na própria esteira, e precipitou-se porta afora. A *mana* e as garotas saíram atrás, cada uma carregando um ou dois bebês.

John agarrou um dos potes de água que haviam enchido durante o dia e atirou-o na cabana em chamas. Aquilo nunca seria suficiente! — pensou em desespero.

Então percebeu que outros haviam ocorrido e estavam pegando os potes de água.

De repente, Jóia estava ao seu lado, a face retorcida em pânico.

— *Annachie!* Bebê! — chorou ela, apontando em direção ao berçário.

O que ela estava querendo dizer? *Ainda haveria um bebê lá dentro?* Ele olhou para o teto em chamas. Ninguém ousaria entrar na cabana agora. Olhou em volta frenético. Onde estavam Arul e Azim? Eles saberiam o que fazer!

Jóia o estava sacudindo.

— *Annachie! Annachie!* Bebê lá dentro!

John contemplou o rosto de Jóia. Viu seus olhos arregalados de medo. Então, de repente, ela arrancou o lenço, afundou-o num dos baldes de água, e entregou-o a John. *É agora*, pensou o menino. *Agora ou nunca. Deus, ajude-me!*

Amarrando o lenço molhado em torno da face, John dirigiu-se à porta da cabana. Nada se enxergava. Jogando-se de bruços, ele arrastou-se pelo assoalho. Tateou uma esteira de capim. Vazia. Ninguém no canto. A fumaça ardia-lhe nos olhos, e seu pulmão doía quando respirava. Onde estava o bebê? Talvez não houvesse bebê. Talvez... espere. Tateando o guarda-comida, ele passou a mão por baixo do móvel. Sua mão tocou em algo macio. Estendendo ambas as mãos, John puxou uma criancinha.

Abraçando o bebê contra o peito, ele obrigou-se a arrastar-se pelo chão até achar a porta. Quando cambaleou para fora, ouviu alguém gritar:

— Seus cabelos estão em chamas!

E um jato d'água atingiu-o em cheio no rosto. John estava tão chocado, que simplesmente ficou lá parado, pingando água.

Alguém tirou-lhe o bebê dos braços. Outra pessoa puxou-o para debaixo de uma árvore e obrigou-o a sentar-se. Pelos próximos minutos, John permaneceu de olhos fechados, abraçando os joelhos, tossindo e engasgando. A noite estava cheia de gritos, passos correndo, chamas estalando.

— John, você está bem?

John abriu os olhos. Seu amigo Arul estava agachado sobre um joelho, à sua frente.

— O bebê — sussurrou ele, compreendendo que seria difícil falar. — O bebê está morto?

Nesse exato momento a face de Jóia surgiu junto a de Arul.

— O bebê está salvo. — Comunicou ela em tâmil. Depois estendeu a mão, tocou o cabelo chamuscado de John e sorriu:

— *Annachie*.

Um acesso de tosse atacou John, tirando-lhe o fôlego. Quando acalmou-se, olhou primeiro para Arul, depois para Jóia.

—*Annachie. Tungachie.* — Sussurrou. — Meu irmão. Minha irmã.

Então John pendeu a cabeça sobre os braços e chorou.

Capítulo 8

Um nariz sangrando e um olho roxo

Tão logo John chegou de volta à Escola Kingsway, tomou emprestada uma bicicleta e pedalou para Woodcock Lodge, a fim de perguntar ao Sr. Rabur se este podia continuar com as lições de tâmil. O advogado ouvira rumores sobre o incêndio e insistiu que John se sentasse e lhe contasse toda a história.

Ele ouviu calmamente enquanto John narrava-lhe o episódio do fogo na Comunidade Dohnavur.

— O Senhor Jesus o protegeu, jovem *saibe*. — Afirmou o advogado indiano. — E quanto aos dois berçários? Foram destruídos?

John acenou.

—A despeito de todos os nossos potes de água! Mas *Amma* disse que Deus faz todas as coisas funcionarem para o bem. Já era tempo de substituir os tijolos de lama daquelas casas por tijolos melhores, e os tetos de sapé, por telhas.

— Mas reconstruir as cabanas levaria uma boa quantia de dinheiro e trabalho! — observou o Sr. Rabur. — A Srta. Carmichael pediu auxílio?

John balançou a cabeça:

— E o que eu teria feito. Mas *Amma* nunca pede dinheiro às pessoas. Ela acredita que eles devem pedir somente a Deus para suprir suas necessidades. Então, as mulheres e crianças de Dohnavur simplesmente começaram a orar. — Ele sorriu timidamente. — Bem, eu também orei. Porém eu cresci com a idéia de que "Deus ajuda a quem se ajuda", então eu estava meio duvidoso. Mas aí, começaram a chegar, pelo correio, ofertas especiais em dinheiro, vindas da Inglaterra, do Continente, e de toda a América, de pessoas que não poderiam ter sabido do incêndio, em tão curto espaço de tempo. E não apenas isso, mas muitos aldeões de Dohnavur, Quatro Lagos e Vallioor apareceram para ajudar na reconstrução!

— Surpreendente! — murmurou o Senhor Rabur rindo por entre os dentes. — Louvado seja Deus! Mas... como seu pai reagiu?

— Ele ficou muito aflito, claro. E quis que fôssemos imediatamente para casa. Ele achou que toda a situação estava ficando muito perigosa. Mamãe quis ficar e ajudar a cuidar dos bebês que perderam suas casas, mas *Amma* encorajou-a a respeitar a vontade de papai. Todavia, eu fiquei umas duas semanas ajudando na reconstrução. De

certo modo, isso foi importante... — John hesitou. — Veja o senhor, eu estava tendo pesadelos com fogo todas as noites. Mamãe achou que construir os berçários ajudaria a curar-me das lembranças ruins.

— E? — instigou o Sr. Rabur. John sorriu:

— Funcionou. Acabaram-se os pesadelos.

— Bem! Usamos todo o tempo de nossa lição hoje. Você precisa voltar à escola antes do chá, ou eles enviarão uma equipe de busca.

— E quanto ao julgamento? O que acontecera à Jóia?

— Paciência, jovem *saíbe*. —Aconselhou o advogado. — Essas coisas levam tempo.

— Certo — concordou John. —Porém tenho mais um pedido.

— Sim?

— Poderia me chamar de John, em vez de *jovem saíbe*? Todos os meus professores da Kingsway me chamam de John.

O Sr. Rabur pareceu realmente satisfeito.

— Claro, John.

Novamente designado para o mesmo dormitório, com Torry e Jim por companhia, John preparou-se para as inevitáveis implicâncias. Ele trancava os dentes quando os meninos faziam observações estúpidas a respeito dos indianos, e calou a boca quanto ao modo como passara

suas férias de inverno. Entretanto, quanto mais ele se recusava a falar de seus amigos Arul e Jóia, mais Jim e Torry inventavam histórias.

— O garoto apaixonado deve ter tido bons momentos com sua namorada nativa, nas férias de inverno — zombava Jim. — Tudo tão clandestino!

— Sai fora.

— Talvez ela more aqui em Ooty — especulava Jim. — John sempre desaparece nas tardes de domingo.

— Não é da sua conta.

Os meninos riam. Mas num domingo à tarde, quando John pedalava de volta à escola, na bicicleta emprestada, após a aula de tâmil, Jim e Torry surgiram repentinamente correndo ao seu lado.

— Ah, ah! Ela mora em Woodcock Lodge! E ele inventou aquela história, no semestre passado, de que foi até lá para ver um advogado.

— Cale-se! Você não sabe do que está falando.

— Ora vamos, garoto Johnny. Somos seus companheiros. Você pode nos contar!

Jim e Torry importunaram-no durante todo o trajeto de volta a Kingsway. Finalmente, John se encheu.

— Olhem, não há nada demais. Estou tendo aulas de tâmil com um advogado indiano. Satisfeitos? Eu... eu gostaria de ser um advogado aqui na índia, então preciso conhecer o idioma.

Mal pronunciou essas palavras, John soube, de repente, que isso era verdade. Ele *estava* interessado em tornar-se advogado, e queria sê-lo na Índia.

— Ohhh, o garoto Johnny quer ser um swami-advogado — começou Torry, mas Jim interrompeu-o.

— Verdade? Não conhecemos nenhum advogado indiano. Diga, John, poderia apresentá-lo a nós? Quero dizer, talvez o senhor... como é mesmo o nome dele? Rabur? Talvez o Sr. Rabur pudesse vir falar-nos na escola.

John olhou desconfiado para Jim.

— O que você quer dizer com "falar-nos"?

— Ora, você sabe. O Clube dos Profissionais patrocina conferencistas para falarem sobre diferentes ocupações. O Sr. Rabur poderia contar-nos o que é ser um advogado.

— Qual é a trama? — John não estava certo de poder confiar em Jim. Por outro lado, achava que seria interessante para os meninos da Kingsway conhecerem profissionais indianos.

— Trama nenhuma! Você poderia convidá-lo?

Assim, tudo ficou arranjado para a primeira semana de março. John estava nervoso com o fato de o Sr. Rabur ter de vir ao Clube dos Profissionais, mas a atitude de Jim parecia completamente mudada. Ele parara de chamar John de "Swami-apaixonado" e, por diversas vezes, confirmou com John a vinda do advogado.

No dia marcado, John recebeu o Sr. Rabur no portão da Escola Kingsway e escoltou-o até a sala de aula onde se reunia o Clube dos Profissionais. John foi surpreendido: a sala estava lotada. Quando eles entraram, todas as vozes silenciaram. Ele caminhou com o Sr. Rabur até a frente da turma. Algo parecia errado, pensou John, mas ele não podia atinar com o que era. Talvez estivesse apenas nervoso. Então compreendeu o que era. Na Kingsway, era costume os meninos se levantarem quando um professor ou conferencista visitante entrava na sala. Mas agora, todos permaneciam sentados.

John tratou de varrer para longe a preocupação. Talvez um clube fosse diferente de uma sala de aula. Ele apresentou o Sr. Rabur, e o advogado indiano começou a falar de direito como um profissional. Falou das muitas dificuldades legais criadas pelo secular sistema de castas ainda existente sob o domínio britânico. Ele começara citando apenas alguns casos como exemplo, quando de repente, silenciosamente, como num só corpo, os meninos levantaram-se e deixaram a sala.

O Sr. Rabur parou indeciso, em meio a uma frase. John estava atônito. O que estaria acontecendo? Ele saltou e agarrou Jim pelo braço.

— O que está acontecendo? — sibilou ao ouvido de Jim. — Por que todos estão saindo?

— Oh, perdoe-me — riu Jim, virando-se. — Será que nos esquecemos de lhe dizer? Por engano, fizemos uma dupla programação. Tem bolo de chocolate para o jantar. Realmente, ninguém quer perder essa sobremesa, você sabe.

E com isso, Jim saiu caminhando pelo saguão, sob a trovoada de risos e palmas.

Algo explodiu dentro de John. Em três passadas ele agarrou Jim e arremessou-o contra a parede.

— Sua cobra! — esbravejou. E socou o maxilar de Jim com toda a força de que seu punho era capaz.

"Briga!" gritou alguém, e braços se estenderam para agarrar John. Mas ele desvencilhhou-se de seus capttores e avançou sobre Jim novamente. Porém Jim, que era maior e mais pesado que John, segurou-lhe o braço e jogou-o ao chão. John sentiu o punho de Jim atingir-lhe o nariz, e o sangue quente esguichar-lhe na boca. Depois foi abalado por mais dois socos na face.

De algum lugar distante, quase abafado pelos gritos e vaias dos meninos no saguão, John ouviu o Sr. Rabur ordenar:

— Parem! Parem!

Então John sentiu-se transportado e empurrado de encontro ao turbilhão de garotos.

— Foi ele quem começou! — John ouviu Jim gritar atrás de si. — Todos vocês viram, não foi? John começou isso!



O diretor ordenou que John ficasse preso no dormitório por um mês, saindo de lá somente para as aulas e refeições. Quando John tentou explicar quão rudemente o Sr. Rabur fora tratado pelo Clube dos Profissionais, o diretor menosprezou:

— Foi apenas uma brincadeira, John. Não valia uma briga. Brigas são absolutamente contra as regras da Kingsway, e você precisa aprender a lição.

De qualquer modo, ele tirou John do quarto de Jim e Torry.

Os olhos de John quase se fecharam de tão inchados. Quando o inchaço foi baixando, tornaram-se de um preto arroxeadado, o que fazia os outros meninos levantarem o punho zombeteiramente cada vez que John se aproximava. O pior mesmo foi quando o domingo chegou e ele não pôde ir à cidade para a sua aula semanal com o Sr. Rabur. Ele queria conversar com o seu amigo advogado, embora este houvesse dito:

— Não se preocupe, John. Está tudo bem. Aprecio o que você fez por mim, mas brigar realmente não muda pessoas como Jim e seus amigos.

Na segunda-feira, uma carta selada foi entregue em seu quarto. Ele a abriu e olhou a assinatura. Era de Amy Carmichael. "Querido John", dizia a carta. "Viemos para Ooty na... Ooty! *Amma* e algumas das meninas estavam em Ooty, logo agora? John sentiu vontade de bater com a cabeça na parede. Ele teria dado um braço para vê-las, e agora, ali estava ele, confinado no dormitório!

Continuou a leitura da carta.

"Viemos para Ooty no feriado e estamos no chalé da Sra. Hopewell. Dez de março é o Dia da Chegada de Jóia. Poderia vir celebrar conosco? Ela gostaria muito de ver seu *annachie*."

Dez de março. John consultou o calendário. Cairia na quinta-feira. Ele não tinha idéia do que fosse um "Dia da Chegada", mas estaria lá, ainda que o expulsassem da escola.



A porta do chalé da Sra. Hopewell abriu-se em resposta à batida de John.

— John! — saudou Amy Carmichael, alegremente.
— Enfim você veio! Como não obtivemos nenhuma

resposta ao nosso bilhete, pensamos que... John! O que houve com o seu olho? E que roupa é esta que está usando? John sentiu-se tolo. Ele estava vestido com uma calça branca, uma túnica amarrotada, e um estranho gorro na cabeça. John contou a Amy o que acontecera ao Sr. Rabur, tão resumidamente quanto possível.

— A única saída que achei para vir visitá-las foi bancando o patife. Pedi a um menino muçulmano, que trabalha na cozinha, para emprestar-me uma roupa, e... aqui estou eu!

— Por tudo que é mais sagrado, está parecendo um pagão! E agindo como um deles também! — Exclamou a Srta. Carmichael, sacudindo a cabeça.

— Brigando! Francamente! Bem, venha para o jardim. As garotas estão dando uma festa.

Ela guiou John através da adorável cabana inglesa, passando pela dupla porta de vidro que dava para o jardim. Em seus *saris* coloridos, as meninas estavam jogando uma bola para a frente e para trás, tentando mantê-la fora do alcance de Jóia, que dançava no centro.

John estacou. Jóia tinha uma guirlanda de flores na cabeça, e seus cabelos negros pendiam frouxamente sobre os ombros. Vestia um *sari* azul celeste, orlado de prata, e trazia um colar de flores ao pescoço. Ele compreendeu que, em um ano, ela passara de uma menina de doze anos a uma mocinha de treze.

Jóia arrebatou a bola e virou-se para mostrá-la a Amy.

— *Annachie!* — exclamou ao ver John.

Todas as meninas vieram correndo, e puseram-se a tagarelar quando viram o olho roxo de John. Amy logo tratou de dispersá-las e, rindo, elas foram brincar de "siga o guia".

— Você está machucado? — perguntou Jóia, séria, em tâmil.

John emocionou-se ao perceber que podia compreendê-la. Balançou a cabeça e disse:

— Estou bem, agora. Mas o que é "Dia da Chegada"? Seu aniversário?

Os olhos de Jóia iluminaram-se.

— Você não se lembra? Dez de março: Dia da Chegada de Jóia!

De repente as coisas clarearam para John. Fora exatamente a um ano atrás que Jóia tinha vindo bater no portão de Dohnavur, clamando "Refúgio!"

Amy Carmichael colocou-se entre o menino inglês e a garota indiana:

— Estou ficando velha para os jogos — suspirou. Deu um abraço em Jóia e explicou: — Em Dohnavur nem sempre sabemos a data de nascimento de uma criança, mas conhecemos o dia alegre em que Deus a trouxe para nós.

Então, em vez de aniversários, celebramos o "Dia da Chegada".

John sorriu:

— Então suponho que seja o meu Dia da Chegada também! Venha, Jóia, vamos brincar de "siga o guia"!

A festa estendeu-se até o crepúsculo. Eles riram e cantaram, e comeram as coisas gostosas que Amy preparara para a ocasião. John detestou ter de partir, pois sabia que não seria capaz de escapar outra vez — se é que já não houvesse sido descoberto. Antes de sair, teve uma conversa com Amy Carmichael.

— *Amma* — disse ele, quando estavam parados em frente o chalé da Sra. Hopewell —, poderia orar por mim?

As palavras soaram estranhas para John. Em todos os seus quinze anos, nunca antes havia pedido que alguém orasse por ele.

— Tenho muitos sentimentos a respeito da índia e seu povo — continuou o rapazinho. — Pessoas como Arul, Jóia, as outras meninas, e o Sr. Rabur. Mas sinto muita raiva de gente como Jim, Torry e outras pessoas. E sinto-me confuso quando estou com meu pai. Ele é um bom magistrado, e é cuidadoso em aplicar a lei justamente. Eu o admiro. Mas às vezes...

John fixou o olhar no crepúsculo profundo. A lua já surgia sobre as montanhas Nilgiri. Ele não sabia dizer como se sentia solitário, principalmente na escola, mas

também em Palamcottah. Em qualquer lugar, exceto Dohnavur.

Amy andou com ele até o portão do chalé. Acenou com a cabeça e prometeu:

— Eu orarei, John, querido. — Segurou ambas as mãos de John entre as suas. —Vá em paz, meu filho. Algum dia, eu sei, você fará grandes coisas para Deus e para a Índia.

Enquanto corria para fora, para o escuro, ele ouviu a voz de Amy:

— Mas não brigue mais!

Capítulo 9

No julgamento

Na cozinha da escola, John pagou ao menino muçulmano duas rúpias pela calça e pela túnica, e guardou-as. As roupas tinham-no ajudado uma vez; quem sabe não precisaria delas de novo?

Em outubro daquele ano, 1910, John tinha completado sua educação escolar na Escola Kingsway para Meninos. Após a formatura, Sanford Knight começou os preparativos para enviar o filho de dezesseis anos de volta à Inglaterra, para seus estudos adicionais.

— Mas, pai — arazoou John —, o senhor sabe que estou interessado em direito. Eu gostaria de observar alguns procedimentos judiciais em Palamcottah, especialmente agora que o senhor é o magistrado sênior. Sei que poderia aprender muito.

Sanford Knight cocou o queixo pensativamente.

— E além disso — continuou John —, se eu esperar para entrar no colégio no mês de junho, mamãe e eu poderemos passar o natal aqui com o senhor.

— Ele tem razão, Sanford. — Ajudou Leslie Knight, abraçando ansiosamente a idéia. Quando John voltar à Inglaterra, as visitas serão poucas e distantes umas das outras. Vamos desfrutar de mais alguns meses juntos, antes de nos separarmos.

— Sei que estou encrencado quando vocês dois se juntam num complô contra mim. — O Sr. Knight sorriu sacudindo a cabeça. — Tudo bem. Vamos esperar até março para embarcar num navio. Leslie, tem quase dois anos que você deixou a Inglaterra. Por que você não viaja com John, vê a sua família em Brighton, e o instala na escola? Desse modo, vocês evitarão toda a estação das chuvas.

John soltou um suspiro de alívio. A discussão familiar estava tomando o rumo que ele queria. Mas ele tinha outras razões para querer ficar. A data do julgamento para decidir a sorte de Jóia, acertada para três de setembro, fora adiada para oito de outubro, depois para 28 de outubro, e agora, o Sr. Rabur o informara de que seria no dia 21 de dezembro.

Leslie Knight imaginou o que estava se passando na cabeça de John.

— Isto pode se tornar difícil John. — Disse ela gentilmente, quando ficaram a sós. — O caso poderá acabar na corte de seu pai, significando que ele terá de atuar no processo.

John não tinha pensado nisso.

— Mas papai é justo; ele certamente decidirá em favor de Dohnavur.

— Sim, seu pai é justo. Mas nós — você e eu — vemos a situação de um ponto de vista muito pessoal. Seu pai a vê como um assunto da lei e tradição locais.



A visita a Dohnavur no início de dezembro foi uma alegre reunião com Amy Carmichael, Arul, Jóia, e os demais. John ficou surpreso com os berçários e outras novas construções com seus telhados; vermelhos inclinados.

— Vocês não apenas reconstruíram as casas antigas, como também fizeram outras novas;. — Observou ele.

— Deus abençoou-nos com mais alguns botões de lótus - sorriu Amy. Era assim que ela chamava as pequeninas. — E um dia, Deus nos enviará trabalhadores masculinos. Então poderemos abrir nossas portas aos menininhos, que são vendidos pelas famílias aos templos e grupos pagãos.

Enquanto John estava em Dohnavur, Amy recebeu notícias do Sr. Rabur de que o julgamento tinha sido adiado outra vez — indefinidamente.

Comemoraram o Natal. Passou o Ano Novo. Veio fevereiro. Nenhuma nova data para o julgamento tinha sido marcada. O coração de John afundou. Ele e sua mãe tinham passagens de navio para Colombo, Ceilão, a grande ilha localizada no extremo sul da Índia, marcadas para 24 de março. Como ele poderia ir para a Inglaterra, sem saber o que aconteceria a Jóia?

Nessa disposição de espírito, John vinha entrando carrancudo no pátio de Palamcottah, no início de março, quando percebeu que sua mãe tinha uma visita.

—John!—chamou ela. — Venha conhecer minha antiga colega de classe, Mabel Beath. Através de minhas cartas, Mabel soube de tudo sobre a Comunidade Dohnavur, e quer muito visitá-los.

Leslie voltou-se à amiga e continuou:

— Todo mundo que visita Dohnavur, de certo modo, torna-se voluntário. Estou avisando! — Ela riu. Depois seu sorriso esmaeceu. — A situação da menina chamada Jóia é muito séria. A Srta. Carmichael tem arriscado ser presa por causa das queixas do tio da menina.

John não queria ouvir mais nada. Estava transtornado. Mas nos dias seguintes, apesar de seu mau humor, veio a gostar de Mabel Beath. A maternal senhora sempre dava um jeito de arrancar um sorriso dele, e parecia genuinamente interessada no caso de Jóia.

Mabel Beath partiu para Dohnavur no mesmo dia em que John e Leslie tomaram o trem para a costa. Mãe e filho deram cartas de despedidas para Mabel entregar aos amigos da comunidade Dohnavur.

— Cuide de sua mãe, John. — Recomendou Sanford Knight, apertando firmemente a mão de John. — Vocês não deverão ter nenhum problema. Há uma balsa para atravessar o golfo, e então vocês tomarão outro trem para Colombo. Reservei quartos para vocês num hotel de lá, até a saída do navio.

John ficou olhando pela janela, enquanto o trem sacolejava através da zona rural. Bois aravam campos de arroz, e fazendeiros vigiavam as novas plantações. À beira dos rios, mulheres batiam roupas nas pedras. Elefantes arrastavam toras da floresta, ou desfilavam com os adereços do templo.

John estava deixando a Índia. Será que um dia voltaria a ver Arul, Jóia e *Amma*?



Um telegrama os esperava no hotel de Colombo. Era do Sr. Rabur, o advogado.

JULGAMENTO MARCADO 27 MARÇO PT
OREM POR NÓS PT SEJA FEITA VONTADE DE
DEUS PT

John e Leslie fitaram-se mutuamente.

— Não posso acreditar! — explodiu John, chutando uma das malas pousadas no chão.

— Talvez seja melhor assim — começou a dizer sua mãe.

— Não! Isso não! — Interrompeu John. — Não posso deixar a índia sem saber o que está acontecendo. Terão se passado meses antes que eu ouça... Onde está aquele roteiro de navegação?

John correu um dedo pelo roteiro.

— Mamãe — apelou ele apurando-se —, este é o maior favor que jamais lhe pedi. Não embarque neste navio. Há um outro que parte em duas semanas. Esperemos por ele.

— Mas, John! As passagens... seu pai... o que você vai fazer?

— Vou voltar a Palamcottah. Estarei lá para o julgamento.



John tinha apenas quatro dias para retornar a Palamcottah. Sem haver feito reservas, acabou indo de terceira classe a maior parte do caminho. Oito a dez pessoas apertavam-se em cada compartimento, algumas sentadas em cima dos beliches. Os indianos da terceira

classe fitavam intrigados o menino inglês viajando sozinho. E mais espantados ainda ficavam, quando ele perguntava "Posso sentar-me aqui?" ou "Quando parte o próximo trem?" — em tâmil.

Diversas vezes, uma mulher indiana, carregando comida para sua família numa cesta trançada, e vendo que ele não tinha ninguém, ofereceu-lhe um pouco de arroz com caril. Não obstante, por umas duas vezes John, disfarçadamente, introduziu a mão na bagagem para certificar-se de que o dinheiro que sua mãe lhe dera continuava a salvo, numa bolsa, sob suas camisas.

Na primeira noite ele pouco dormiu. O calor e o forte odor dos corpos, somados ao medo de ser roubado, mantiveram-no acordado. No segundo dia, estava tão exausto que caiu no sono no assoalho da estação, usando como travesseiro a pequena sacola de roupas.

Enquanto o trem rodava, estalando ruidosamente pelas cidades, John orava:

— Ó Deus, por favor, deixe-me chegar a tempo.

John estava atordoado quando saiu do trem, em Palamcottah, ao meio-dia da segunda-feira. Era 27 de março. Estaria em tempo para o julgamento?

Ele foi direto ao tribunal, e percorreu a abarrotada galeria, onde era permitido ao público assistir aos procedimentos judiciais. Postou-se tão perto da grade

quanto pôde, protegido atrás de um homem gordo, e olhou para baixo.

Amy Carmichael e o Sr. Rabur achavam-se sentados a uma mesa, num dos lados do tribunal. O tio de Jóia e seu advogado, sentados no outro lado. John espichou o pescoço. Jóia não era vista em parte alguma. *Onde poderia estar?* Ponderou John. *De volta a Dohnavur?* Então ele ouviu uma voz familiar:

— O escrevente lera a sentença.

Era seu pai, sentado na cadeira do juiz. John franziu a testa. A sentença? Já? Ele havia perdido todos os debates! O que teria acontecido? Tinham sido favoráveis à permanência de Jóia em Dohnavur, ou não?

Um escrevente indiano pôs-se em pé e iniciou a leitura de diversas páginas. John esforçou-se por ouvir, mas não podia captar todo o significado da complexa linguagem legal. Após alguns minutos, o escrevente leu algo que agitou a galeria.

— Silêncio! — exigiu Sanford Knight, batendo seu martelo. — Poderia o escrevente ler a sentença uma vez mais?

O escrevente elevou a voz:

— A corte, por este meio, ordena a Amy Carmichael, da Comunidade Dohnavur, que entregue a criança em questão ao seu guardião legal, em 4 de abril, e pague todos os custos desses procedimentos judiciais.

A galeria tornou-se um pandemônio, com ânimos e punhos levantados, abraços e risos. John compreendeu que estava no meio dos parentes e amigos do tio de Jóia. Sentiu como se alguém o tivesse socado no estômago. Então Jóia teria de voltar para seu tio dentro de uma semana, e ser forçada a fazer um casamento que não queria?

No pavimento principal, o tio de Jóia estava sacudindo vigorosamente a mão de seu advogado. O olhar de John desviou-se para Amy Carmichael. Sentada calmamente no outro lado do salão, ela tinha as mãos cruzadas sobre a mesa à sua frente, a face ligeiramente erguida, e os olhos fechados. Estaria orando? Então John viu o seu sorriso; uma expressão de paz e alegria triunfante irradiava-se pela face da missionária.

A multidão movia-se para fora da galeria, e John deixou-se levar escada abaixo. Deveria ele ir até Amy e o Sr. Rabur? E quanto a seu pai? Mas ele sentia-se entorpecido, incapaz de tomar uma decisão ou conversar com alguém. Em vez disso, achou-se caminhando em direção à casa de seu pai; sua bagagem pendia-lhe do ombro.

Ao penetrar no quintal, através do pequeno portão nos fundos da casa, John ainda não tinha idéia do que estava indo fazer. Sua bicicleta, a que Azim lhe arranjara, estava encostada na parede da cozinha, uma cabana

separada da casa principal, onde eram preparadas as refeições.

John fitou a bicicleta. Depois olhou em volta; ninguém o vira ainda. Então, de repente, soube o que fazer.

Capítulo 10

Desaparecida!

John deu uma olhada para dentro da cozinha. Vazia. Deslizou para dentro dela, remexeu na bagagem e puxou para fora a calça, a túnica e o gorro. Despindo a camisa, as calças curtas e os sapatos, vestiu as roupas nativas. Então, notando as mãos e os pés brancos, sentiu o coração afundar. Espere... agarrou o bule de café e o destampou. No fundo havia um espesso caldo marrom; às vezes o cozinheiro deixava o bule no fogo muito tempo. John passou a mistura nas mãos. Elas ganharam um belo tom de noz. Perfeito! Rapidamente o menino cobriu toda a pele exposta, lembrando-se, no último minuto, da parte de trás das orelhas e pescoço.

O quintal ainda estava vazio. Os servos muitas vezes descansavam nas horas mais quentes do dia, especialmente quando a família se ausentava. John pulou na bicicleta, enfiou a bagagem no cesto, e pedalou para fora do portão.

A estrada para Dohnavur tinha o tráfego de sempre: fazendeiros em seus vagarosos carros de bois, mulheres com potes d'água na cabeça, algumas bicicletas, filas de burros e seus condutores. Contudo, John mal os percebia. A princípio, pedalou furiosamente, mas logo compreendeu que tinha quase quarenta quilômetros a cobrir, e tratou de moderar a corrida.

O choque no tribunal deixara-o vermelho de cólera. Como pôde seu pai decidir contra Jóia? *Como pôde?* Ele não entendera o que significava o retorno de Jóia ao tio? Uma noiva-infantil... O estômago de John revirava só de ele pensar em Jóia numa cerimônia matrimonial pagã, tornando-se a esposa de um homem velho que nunca a amara. E ela só tinha quatorze anos!

Bem. Ele era o *annachie* de Jóia — seu "irmão mais velho". Não iria deixar que isso acontecesse.

O que faria quando chegasse a Dohnavur, ele não tinha idéia. Mas algo dentro dele o impulsionava adiante. Ele os deixara saber o que era um julgamento; eles tinham de salvá-la.

Em quatro Lagos, John saiu da estrada principal e encaminhou-se ao povoado de Dohnavur, distante nove quilômetros à frente. Em Dohnavur, atravessou as ruas enlameadas, espantando as galinhas aglomeradas no caminho. Finalmente avistou o muro e o portão principal da Comunidade Dohnavur. John saiu da bicicleta, e suas

pernas cambalearam. Quatro dias de exaustiva viagem de trem, com poucos períodos de sono, mais um passeio de bicicleta de quase quarenta quilômetros, tinham praticamente acabado com ele. Arrastou a bicicleta para o lado da estrada, e sentou-se com a cabeça entre os joelhos; o peito arfando.

Permaneceu sentado por algum tempo, tentando recuperar o fôlego, até que uma sombra caiu sobre ele.

— Está se sentindo mal? — perguntou uma gentil voz feminina.

John levantou os olhos.

— Senhorita Beath?

Era a amiga de sua mãe, que viera visitar Dohnavur.

— O qu... quem é você? Como sabe meu nome?

John lutou com as pernas para levantar.

— Sou eu, John Knight.

— Meu Deus! — exclamou a senhora, e então começou a rir. — Eu nunca teria imaginado. Mas eu conheço você e sua mãe.

— Senhorita Beath! Não posso explicar tudo agora. Mas, o tribunal... meu pai... decidiu contra Dohnavur. Jóia deve voltar para o tio na próxima semana!

— Não! Ó, Deus querido!

— Preciso falar com Jóia, com Arul e as *manas*. É urgente! John pegou a bicicleta e encaminhou-se ao portão.

— John, espere! — Mabel Beath pôs a mão no ombro de John. — Ninguém sabe que você está aqui? Seu pai? Nem a Srta. Carmichael?

— Não... Cheguei a Palamcottah esta manhã. Ninguém me viu no tribunal.

— Então, ninguém aqui deve vê-lo, tampouco.

— Por quê?

— Venha, vamos conversar.

Relutante, John ocultou sua bicicleta atrás de umas moitas, e caminhou com a Srta. Beath para dentro do bosque de tamarineiros, onde não podiam ser vistos da estrada.

— Quando eu vim para Dohnavur — confessou a Srta. Beath —, meu espírito logo identificou-se com Amy Carmichael e seu trabalho aqui. Eu compreendi quando ela prometeu a Jóia que, não importava o que acontecesse, ela não retornaria para o tio contra a sua vontade. Jóia tem-nos confiado sua vida. *Amma* não poderia falhar com ela.

John acenou. Sim, ele também compreendia aquilo.

— Na noite antes de sair para a corte, Amy Carmichael veio até mim e olhou-me nos olhos — continuou a Srta. Beath. — "Se algo sair errado", inquiriu-me ela, "você está disposta a ajudar a salvar Jóia?" "Sim", respondi. "Mesmo se isto significar sete anos na prisão?" Insistiu Amy. "Sim." Afirmei novamente.

Os dois pararam de andar e ficaram apenas se fitando, o empoeirado menino vestido com roupas muçulmanas e a senhora inglesa de meia-idade.

— Eu vinha orando, ao sair do complexo, quando vi você. — Contou a mulher. — E agora sei o que devemos fazer. Mas devemos fazê-lo sozinhos! Ninguém mais deve saber — nem Arul, nem a Srta. Carmichael, nem qualquer outro deles — porque serão interrogados. Parecerá que eles desobedeceram a decisão da corte judicial. Mas se eles nada souberem, se Jóia tiver simplesmente desaparecido...



— Bois estúpidos! — murmurou John, puxando as rédeas e tentando fazê-los virar. A Srta. Beath dissera-lhe que viesse para esse lado do portão, depois que escurecesse, e esperasse.

Quando os bois finalmente viraram e puseram-se de frente para a aldeia, John subiu na carroça. *Esperar por quanto tempo?* Ponderou.

Ele ficara escondido no bosque até o anoitecer, conforme instruções da Srta. Beath. Até que caíra num sono pesado e, ao acordar, sentira a pontada da fome roendo-lhe o estômago. Por que não apanhara alguma comida na cozinha de Palamcottah?

Quando escurecera, John correrá até a vila à procura de uma carroça para alugar, esperando que a escuridão ocultasse-lhe o disfarce. Tomara o cuidado de falar somente em tâmil, mas tivera sérias dificuldades em convencer o dono da carroça de que precisava apenas dela e dos bois, *sem* o carroceiro.

Um macaco guinchou próximo dali e, por alguns minutos houve uma *algazarra geral* no bosque. Porém não vinha som algum do lado de dentro do muro. O que estaria acontecendo lá?

Foi bem difícil ficar sentado do lado de fora do complexo, sabendo que Arul estava lá dentro. Como ele gostaria de falar com o rapaz mais velho! Esperava vê-lo um dia, e poder contar-lhe do telegrama, da maluca viagem de trem de volta a Palamcottah... do tribunal... da furiosa pedalada para Dohnavur... O que Arul acharia da idéia da Sita. Beath? John preferia que Arul pudesse vir com ele! Arul saberia o que fazer. Arul poderia... não, a Srta. Beath estava certa. Arul não deveria saber de coisa alguma, para que, honestamente, pudesse dizer "Eu não sei", se a polícia o interrogasse.

Pensar no julgamento fez John sentir raiva de tudo, outra vez. Mas o que foi que a Srta. Beath havia dito antes de deixá-lo no bosque?

— John, não fique zangado com seu pai. Ele fez o que acreditava ser o certo de acordo com a lei. Tenho

certeza de que *Amma* não está brava; ela sabia que a decisão não poderia ser a seu favor. Se a decisão fosse contrária, ela pretendia ficar e apelar para continuar a disputa por Jóia. Esteja certo de uma coisa, John: se um cristão quebra a lei por honrar a Cristo, deve também estar disposto a sofrer as conseqüências.

Os pensamentos de John foram interrompidos por um rangido. O portão estava sendo aberto. Imediatamente, todos os seus sentidos puseram-se de sobreaviso. Um rapazinho passou pelo portão e olhou em volta, indeciso. O portão fechou-se atrás dele.

John estava confuso. Ele pensava estar esperando por Jóia. Aquele seria Arul? Não, o rapaz era jovem demais.

O rapazinho, que carregava alguns pacotes pequenos, avistou a carroça e atravessou depressa a estrada, em direção a John.

— *Annachie?* — chamou uma voz familiar, em tâmil. — Você veio buscar-me?

John escancarou os olhos, descrente. *Era Jóia!*

— Mas seu cabelo... foi todo cortado! — gaguejou John, dizendo a primeira coisa que passou-lhe na mente.

— E você parece um garoto indiano! — constatou Jóia, pulando para dentro da carroça. — Comida para você. A amiga Mabel disse que você estava com muita fome. —

Apontou para o outro embrulho: — Mais comida para a viagem.

John estalou o chicote no traseiro dos bois, até que estes começaram a se mover estrada abaixo. Aí abriu o pacote. Usando a mão como colher, levou bocados mornos de arroz com vegetais e caril à boca, até que seu estômago estivesse satisfeito. Então deu uma olhada na parte de trás da carroça. Jóia estava sentada na traseira aberta, olhando em direção à Comunidade Dohnavur, já quase escondida atrás do arvoredos.

— Adeus, *Amma*. — Ele a ouviu suspirar em tâmil. — Adeus, Arul *annachie*. Adeus, queridos amigos. Adeus, bebês. Adeus amiga Mabel.

De repente, John sentiu-se muito só. Embora a noite de março estivesse quente e calma, ele pôs-se a tremer. Agora Jóia estava aos seus cuidados. Ninguém estava vindo com eles. Ninguém, exceto Mabel Beath, sabia onde eles estavam, e ela estaria deixando Dohnavur antes que dessem pela falta de Jóia.

— Ó, Deus! — clamou John, silenciosamente. — Ajude-nos! Jóia engatinhou para a frente da carroça e pôs-se ao lado de John.

— *Annachie*, aonde estamos indo?

John relanceou o olhar à menina de cabelos curtos, vestida como um garoto. Depois olhou para as próprias mãos coloridas com café, destacadas contra o branco da

calça que vestia. Então fitou a estrada escura estendendo-se à sua frente. Dois rapazinhos indianos viajando para...

— Ceilão — respondeu ele. — Estamos indo para o Ceilão.

Capítulo 11

Descoberta

John manteve os bois em movimento para o leste, pelas estradas secundárias, durante toda a noite, enquanto Jóia dormia no fundo da carroça. Pela manhã, chegaram a uma vila chamada Saltan's Tank, onde encontraram um garoto que concordou em levar a carroça de volta ao povoado de Dohnavur, por algumas rúpias. Mas a esta altura, John mal podia manter os olhos abertos. Assim sendo, deitou-se para dormir sob uma árvore, do lado de fora do vilarejo, enquanto Jóia vigiava.

Após o meio-dia, os dois jovens dirigiram-se a pé para Siva's Son, uma cidade hindu, com um grande templo, bem na costa oriental do sul da Índia. Conseguiram cobrir vinte e cinco quilômetros em quatro horas. Enquanto vagavam pelas ruas, ao anoitecer, John sentiu-se ansioso — o que iriam fazer?

— *Annachie*, veja!

Jóia estava apontando para uma casa simples, com uma cruz cristã pintada na parede ao lado da porta. Com o

coração acelerado, John bateu à porta. Esta foi aberta por uma senhora. Os dois notaram que ela não trazia na testa a marca vermelha das mulheres hindus. John apontou para a cruz, depois para si mesmo.

— Nós somos crentes em Jesus — identificou-se em tâmil.

A mulher sorriu.

— Entrem, entrem. — E chamou por alguém no pequeno quintal atrás da casa: — Pastor, meu marido, dois meninos querem vê-lo.

Um risonho e gentil indiano saudou-os com o costumeiro salamaleque. John e Jóia retribuíram a saudação.

— O que desejam? — perguntou o homem, bondosamente, em tâmil.

— Estamos indo para o Ceilão, encontrar minha mãe. — Foi a explicação sincera de John. O resto da história não precisava ser contado. — Mas precisamos de comida e um lugar para dormir.

O homem contemplou-os em silêncio, pelo que pareceu um longo tempo. Finalmente sorriu.

— Meninos, vocês são bem-vindos a partilhar o que temos.

Os juvenzinhos passaram a noite com o homem e sua esposa, que tinham uma pequena congregação de cinco cristãos, residentes na cidade de Siva's Son. John sentia-se

grato por ele não haver feito mais perguntas, mas preocupava-se por seu disfarce não resistir a um exame mais apurado. De manhã, a mulher embrulhou-lhes mais algum alimento, porém o homem não foi visto em parte alguma.

— Esperem. — Pediu a mulher. — Ele virá.

Embora ansiosos por se porem a caminho, eles esperaram. Logo o homem chegou com uma carroça e dois bois.

— Eu os levarei o mais perto possível de Tuticorin — prometeu ele, mencionando a próxima maior cidade, cerca de trinta quilômetros acima da costa.—Lá, outros cristãos ajudarão vocês.

John olhou duvidoso para Jóia. Uma viagem de carroça, e alguém para ajudá-los, seria maravilhoso. Embora nada houvesse dito à Jóia, o menino estava preocupado com a possibilidade de ladrões na estrada; uma escolta garantiria alguma segurança. Por outro lado, talvez sua maior segurança estivesse em guardar-se a si mesmos. Caso se familiarizassem com as pessoas — mesmo com alguém prestativo — logo descobririam que eles não eram dois meninos indianos, e tudo o mais.

Mas o pastor estava esperando. Então John agradeceu:

— Obrigado. — E deu uma mãozinha para Jóia entrar na carroça.

Em Tuticorin, o pastor levou-os à casa de outro casal cristão. Falou em particular com o homem e a mulher, que assentiam relanceando as vistas a John e Jóia, de vez em quando.

Antes de sair, o pastor chamou John à parte:

— Confie em nossos amigos. Não vão sozinhos até que tomem o trem. Nenhuma pergunta será feita. Mas — e o homem sorriu —, deixe a mulher ajudar você a tornar-se um menino indiano.

John estava assustado. O que ele quisera dizer? Porém o homem fez o salamaleque e acenou adeus; açoitou o traseiro dos bois e fez a carroça pegar o caminho de volta à cidade de Siva's Son.

John logo descobriu o que era. Jóia veio até ele com uma estranha pasta marrom, e um comprido pano branco.

— A mulher amiga disse para ajudar você a ser um menino indiano. — Informou ela, rindo para ele.

Jóia o fez tirar a túnica, e esfregou a pasta marrom em seu peito, costas, braços e mãos, rosto e pescoço. O próprio John cuidou das pernas e dos pés. Então Jóia enrolou-lhe o pano branco na cabeça, transformando-o num pequeno e elegante turbante.

John sentiu-se humilhado. Quantas pessoas teriam notado seu apressado disfarce? Entretanto, Jóia olhou para ele aprovadoramente. Talvez agora estivesse melhor.

Os dois foram levados à próxima cidade, depois à seguinte, e sempre através dos cristãos locais. Poucas perguntas foram feitas, e eles pouco falaram. Diziam apenas que estavam a caminho do Ceilão para encontrar "mamãe". Sua trouxa de alimento foi reabastecida diversas vezes, e quando chegaram à estação do trem que os levaria à balsa do Ceilão, seus estômagos estavam bem cheios.

Obedecendo a um impulso, John comprou um cartão postal, endereçou-o à Amy Carmichael, da Comunidade Dohnavur, e escreveu em inglês: "Os olhos do Senhor contemplam toda a terra, para mostrar seu poder a favor daqueles cujo coração é perfeito diante dele." Era o versículo bíblico favorito *de Amma'*, ele a ouvira citar muitas vezes, acalmando os temores dos pequeninos. Deixou o cartão sem assinatura. Ninguém deveria saber quem o escreveu, nem porquê. Mas será que *Amma* leria nas entrelinhas que Jóia estava salva?

Duas passagens para Colombo custaram o último dinheiro de John, guardado numa bolsa amarrada à sua cintura. Quando ele e Jóia arriaram no banco duro da terceira classe, uma estranha sensação de fadiga e paz apoderou-se de seu corpo. Ele não tinha idéia do que fariam quando chegassem a Colombo. Mas Deus não estivera com eles a cada passo da viagem, desde que deixaram a Comunidade Dohnavur, aquela noite, numa carroça? Deus proveria para Jóia... de algum modo.



A porta do apartamento do hotel se abriu, e Leslie Knight fitou os dois garotos indianos, com um ar estranho e confuso. Os cabelos dela estavam despenteados, e seu semblante, cansado.

— Mãe! Sou eu... e Jóia.

Os olhos da Sra. Knight alargaram-se, e seu queixo caiu. Estendendo os braços, ela os puxou para dentro e fechou a porta.

— John! Jóia! Oh, obrigada, Senhor! — exclamou ela, segurando as mãos deles, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Por tudo o que é mais sagrado! — engasgou Leslie, finalmente abraçando-os e sacudindo a cabeça. — Tenho estado louca de preocupação! Quando dez dias se passaram, e eu não tive notícias suas... — Seus olhos encheram-se de lágrimas. — Contem-me! Contem-me tudo!

Então John narrou-lhe toda a história, do princípio ao fim, enquanto Jóia aconchegava-se no conforto dos braços de Leslie Knight. A mãe de John não o deixou pular nenhum detalhe. Finalmente ela indagou:

— Mas Amy Carmichael não tem nem idéia de onde Jóia esteja, ou de quem a levou?

— Não. A Srta. Beath disse que ninguém em Dohnavur deveria saber, para a própria segurança deles.

A Sra. Knight ficou em silêncio por um longo tempo. Finalmente declarou:

— John, você sabe que eu não gosto de fazer nada pelas costas de seu pai. Eu passei-lhe um telegrama dizendo que tivemos um inesperado atraso, e que pegaríamos o próximo navio. Disse-lhe para não se preocupar, que nós iríamos aproveitar as férias forçadas.

John alarmou-se. Teria o telegrama de sua mãe lhe dado alguma pista? Ele...?

— Recebi uma resposta ontem — prosseguiu Leslie. — Ele enviou dinheiro para ajudar a cobrir nossas despesas adicionais e expressou pesar por não poder juntar-se a nós, devido aos muitos casos judiciais em Palamcottah.

John deixou escapar um suspiro de alívio. Tanto melhor. Mas Leslie Knight franziu a testa:

—Agora que Jóia está aqui, o que vamos fazer? Não podemos ficar no Ceilão indefinidamente, nem podemos deixar Jóia sozinha aqui!

Mãe e filho decidiram que John deveria lavar o corante marrom e assumir sua própria identidade, mas Jóia deveria permanecer escondida no quarto do hotel.

Nos próximos dias eles discutiram vários planos: encontrar uma igreja cristã em Colombo e pedir proteção

para Jóia; levar Jóia com eles para a Inglaterra; enviar John de volta à Inglaterra, conforme planejado, enquanto a Sra. Knight ficaria e continuaria a procurar um lugar seguro para Jóia. Cada plano, entretanto, apresentava problemas.

Apesar de tudo, John foi ao navio ver se ainda havia passagens disponíveis para a próxima viagem. Enquanto estava lá, na fila, ele notou um homenzarrão olhando para ele insistentemente. John fingiu não perceber. Quando chegou sua vez, começou a perguntar se haveria uma passagem adicional, mas percebeu que o homem estava perto o suficiente para ouvir seu pedido. Abruptamente John disse:

— Mudei de idéia. — E saiu da fila.

No dia seguinte, ele tentou de novo, mas foi-lhe dito que agora havia uma lista de espera. Desejaria ele pôr seu nome na lista, para o caso de alguém cancelar a passagem? John balançou a cabeça, recusando. Frustrado, caminhou de volta ao hotel. Ao entrar no saguão, viu o inglês grandalhão conversando com um servo indiano. Ocultando-se por trás de uns vasos de palmeira, o menino subiu apressado a escada para seu apartamento.

— Qual o problema? — indagou sua mãe, quando ele entrou esbaforido.

— Não estou certo. Mas há um homem, um inglês... acho que ele está me seguindo.

— Oh, certamente não — começou a Sra. Knight. Nesse exato momento, ouviu-se uma batida na porta.

— Jóia! — sibilou John. — Rápido! Esconda-se!

Ele agarrou a mão da menina e puxou-a para dentro do quarto que ela partilhava com Leslie. Empurrou-a para debaixo da cama — uma verdadeira cama inglesa, com uma colcha de babado cobrindo o colchão e os pés — e então retornou à sala bem a tempo de ver sua mãe abrindo a porta.

Uma voz masculina profunda apresentou-se:

— Senhora Knight? Meu nome é Handley Bird, procedente da Inglaterra, e agora servo de Deus no sul da Índia. Acredito que a senhora tem um passarinho caído do ninho, precisando de proteção.

O reverendo Handley Bird usava um amarrotado terno branco e, enquanto falava, retorcia nas mãos um chapéu de palha. Leslie Knight tinha pedido chá, e convidou a visita a sentar-se. John ficou de pé, a um lado, enquanto sua mãe despejava o chá. O homem seria amigo ou inimigo?

— O que quis dizer, reverendo Bird? — inquiriu a Sra. Knight, entregando uma xícara ao visitante.

O homem sorriu. Ele tinha bochechas coradas, e suas sobranceiras brancas e espessas subiam e desciam quando ele falava.

— Eu estava de férias em Ooty, quando encontrei uma velha amiga de minha esposa, a Srta. Amy Carmichael. Ela tinha ido a Ooty conferenciar com seu advogado, um tal de Sr. Rabur. Acredito que você o conheça. — Terminou ele, olhando para John.

Este acenou ligeiramente. O homem continuou:

— Ela está grandemente preocupada com a situação de uma mocinha chamada Jóia, que se acha desaparecida. Depois de contar-me a história, e sabendo que eu estava de férias, pediu-me para ajudar a localizá-la. Eu disse que o faria, de todo o coração.

— Mas por que veio até nós? — investigou John.
— Por que pensa que ela está aqui?

— Após inquirir tanto quanto pude da Srta. Carmichael e do Sr. Rabur, viajei a Palamcottah para conversar com o juiz do caso — seu marido, acredito, Sra. Knight.

— Isso mesmo.

— Devo admitir que não contei a ele que estava atuando em favor da Srta. Carmichael. Na verdade, o caso de Jóia surgiu no meio da conversa, quando falávamos de outros assuntos legais, relativos ao Distrito de Tinnevely. Enquanto eu estava lá, chegou um telegrama...

— Meu telegrama? — adivinhou a Sra. Knight.

— Sim. Só mais tarde, quando eu estava meditando sobre toda a questão, é que as peças se encaixaram. Uma

viagem marítima atrasada... uma menina desaparecida. A Srta. Mabel Beath, que deixara a Comunidade Dohnavur no dia do julgamento, foi seguida, mas a menina não foi achada com ela. Deixe-me assegurar-lhes que não falei a ninguém de meu palpite — nem mesmo à Srta. Carmichael. Além de que, eu não tinha certeza de nada.

— Como saberemos que você está aqui como amigo da Srta. Carmichael? — desafiou John. — Por que deveríamos confiar em você?

— John... — reprovou sua mãe, gentilmente.

— Está tudo bem, madame. — O reverendo Bird a tranqüilizou. — Se este jovem teve a coragem de trazer nosso pequeno pássaro, através de tantas aventuras e provações, deve saber em quem confiar.

O homem grandalhão tirou um cartão postal do bolso de seu casaco, e passou-o à Sra. Knight, dizendo:

— A Srta. Carmichael deu-me isto. A mãe de John pegou o postal.

— Ora, John, é a sua letra!

— Ah! — murmurou o homem, parecendo satisfeito. John apanhou o cartão da mão de sua mãe.

— Eu apenas quis que a Srta. Carmichael soubesse que Jóia estava salva. Eu... eu não tencionava deixar um rastro que pudesse ser seguido.

— Oh, meu garoto, você tem feito um bom trabalho, cobrindo sua trilha. Até hoje ninguém suspeita,

exceto eu. E eu lhe asseguro que sou um amigo, e prometi a Srta. Carmichael não descansar enquanto Jóia não estiver em segurança, fora do país.

— Fora do país? — Perguntaram John e Leslie ao mesmo tempo.

— Sim. China. Tenho razões para acreditar que os parentes de Jóia contrataram detetives para encontrá-la. Eles não sossegarão enquanto não a levarem de volta. Ela não está segura aqui. É apenas uma questão de tempo até que eles sigam alguém que tenha qualquer coisa para tratar com Jóia. Acredito que Jóia e eu devamos partir imediatamente — hoje ainda. Eu a entregarei a uns amigos missionários, na China, onde ela deverá ficar até tornar-se maior de idade. Então ela poderá herdar as terras de seu pai, e escolher com quem casar.

A Sra. Knight e John fitaram o reverendo Bird, em assombrado silêncio. Tudo estava acontecendo rápido demais.

— Ha... a propósito, onde está o passarinho? — indagou o missionário.

— Oh, não! Jóia! — lembrou-se John. Correu para o quarto e puxou Jóia de sob a cama.

— *Annachie* esqueceu Jóia — queixou-se a menina.

John levou-a para a sala. As sobranceiras grossas e brancas do missionário se moveram, e John compreendeu que Jóia não se parecia com uma menina, estando com o

cabelo curto, e vestida de calça e túnica masculinas. Em tâmil, John tentou explicar a Jóia o que lhe contara o reverendo Bird, e que ele queria levá-la à China a fim de mantê-la a salvo de seu tio.

Os olhos negros de Jóia fitaram o homem cheios de confiança.

— Se *Amma* enviou o Sr. Bird para cuidar de Jóia, então eu irei. — Resolveu a menina, em tâmil. Voltando-se para John e a Sra. Knight, ela continuou: — Se *annachie* e a amiga Leslie dizem que o Sr. Bird é amigo, então eu irei.

Nada entendendo, a Sra. Knight olhou para John em busca de ajuda.

John tomou as mãos de Jóia entre as suas e, engolindo, falou com dificuldade:

— Sim, *tungachie*. O Sr. Bird é seu amigo. Você deve ir.

Capítulo 12

A noiva de Dohnavur

O solitário cavaleiro ia pela estrada que levava de Palamcottah a Dohnavur. Seis anos haviam se passado, desde que John Knight estivera na plataforma da estação ferroviária de Colombo, Ceilão, acenando adeus à garota indiana que conhecera como Jóia. O jovem, agora com vinte e dois anos, podia lembrar-se da cena como se fosse hoje: Jóia, com os cabelos cortados rente, inclinada para fora da janela do trem, sorrindo e chorando ao mesmo tempo; atrás dela, as faces coradas e as grossas sobrancelhas do reverendo Handley Bird.

O cavaleiro ia perdido em pensamentos, e o cavalo, acompanhando um lento carro de boi, mantinha-se no mesmo trote. John soubera que o reverendo Bird e Jóia tinham chegado seguros à China, após uma perigosa jornada de vários meses. Ele tinha praticamente decorado a carta que recebera de Amy Carmichael, no outono daquele ano, após haver ingressado na Oxford...

... o reverendo Bird simplesmente desaparecera, e eu não tinha idéia do que estava acontecendo. Então, em

outubro, recebi uma carta da China. Nossa Jóia preciosa está salva! Tomei conhecimento de toda a história, e estou espantada com o grande risco que você correu para salvá-la. Eu o agradeço, John, do fundo do meu coração.

Esperando por tantos meses, sem ouvir uma palavra sobre a sorte de Jóia, foi um real desafio de fé para mim. Mas naquele dia, na corte, quando a sentença foi pronunciada contra nós, o Senhor revestiu-me de um inquebrantável senso de vitória! Jóia pertencia a ele!...

Desde então, John havia recebido pequenas notícias. Ele passara os seis anos seguintes estudando direito na Universidade de Oxford, perto de Londres. Sua mãe, após instalá-lo na escola, havia retornado à Índia, a fim de estar com o marido. Porém, após uma grave doença contraída por tomar água sem ferver, ela nunca mais recuperou totalmente a saúde. Eventualmente, Leslie e Sanford Knight retornaram à Inglaterra.

A princípio, o encontro de John com o pai fora tenso. Uma vez que Jóia estava a salvo, Leslie Knight sentira-se compelida a contar ao marido de sua participação nos acontecimentos. John sabia que seu pai estava bravo. Afinal, o filho do magistrado tinha, deliberadamente, interferido na decisão da corte!

John estivera zangado com o pai, também. A corte judicial mostrara-se tão desumana! Tão insensível!

Todavia, numa das visitas de John ao lar, Sanford Knight o tinha chamado à biblioteca.

— Filho — dissera ele, limpando a garganta —, sua mãe e eu conversamos muitas vezes sobre o acontecido. E eu reconheço que você fez o que achava ser o seu dever. Embora tenha me aborrecido ao descobrir que você ajudara Jóia a desaparecer, devo admitir que me senti um tanto aliviado. Eu agi, como era meu dever, baseado nas leis concernentes ao sistema familiar e às tradições religiosas da índia — mas nunca desejei fazer Jóia retornar ao seu tio.

John aceitou a mão estendida de seu pai. Embora não concordando com elas, pai e filho podiam respeitar as ações um do outro.



O jovem a cavalo alcançou o cantil pendurado à sela, desatarraxou a tampa e bebeu. Quando John contara a sua mãe que iria retornar à índia, esta apressara-se a dizer:

— Não se esqueça de ferver a água!

John riu baixinho. A orelha de seu cavalo retorceu-se para captar o som. Isso era a índia, não havia dúvidas: tudo aquilo a que se estava acostumado na Inglaterra — água potável, cama macia, um teto adequado sobre a cabeça — era um desafio na índia.

Em Quatro Lagos, John deu comida ao cavalo num estábulo, na praça do mercado, e comprou duas mangas e alguns pães frescos, achatados, para seu almoço. Montando uma vez mais, guiou o cavalo em direção a Dohnavur.

Um sentimento de euforia apoderou-se de John, e ele estimulou a montaria a galopar, enquanto percorria os últimos quilômetros. Durante os seis anos em que estivera ausente, John nunca perdera de vista a sua meta: retornar à Índia e advogar a causa dos indianos. Ao chegar, porém, a primeira coisa que fez foi comprar um bom cavalo e marchar para a Comunidade Dohnavur. Antes de qualquer coisa, queria rever os amigos.

John mudou o passo da montaria para um trote. Lá estava a aldeia... vacas atrapalhando o trânsito no meio das ruas, como sempre... crianças correndo atrás dele... cheiro de alimentos condimentados desprendendo-se dos fogareiros em frente às casas de barro. E lá, em meio às árvores, o muro de tijolos de barro da Comunidade Dohnavur. O coração de John acelerou.

Desmontando, o jovem puxou o sino do portão.

Após alguns minutos, este foi aberto. John fitou o rosto familiar parado à sua frente.

— Azim! Mas o que você está fazendo aqui?!

O antigo servo indiano de seu pai olhou-o espantado.

— Sou eu, John Knight! — reforçou o rapaz.

Os olhos do indiano iluminaram-se.

— Sim, sim! Jovem *saíbe!* — E Azim pressionou as palmas das mãos, na familiar saudação.

John sacudiu a cabeça rindo.

— Não, nada de *saíbe*. Nós somos amigos! John e Azim!

John conduziu o cavalo para dentro do complexo, seguindo Azim para a casa principal. O que estaria Azim fazendo ali? Por que Arul não fora abrir o portão? Talvez devesse ter escrito, avisando que estava chegando. Mas quisera fazer uma surpresa a Arul e à Srta. Carmichael. Enquanto amarrava o cavalo numa árvore, John notou que algo especial estava acontecendo. Flâmulas coloridas e brilhantes agitavam-se suspensas do teto do alpendre. As garotas mais velhas, em suas saias e lenços coloridos, colocavam cestas de flores recém colhidas em volta do pátio. As meninas mais novas, sentadas em mantas sob as árvores, entrelaçavam jasmims, formando colares e longos cordões floridos. Trapos embebidos em óleo tinham sido amarrados a grossos bastões fincados no chão, fazendo uma trilha de tochas apagadas, desde o portão até a casa.

Um tanto confuso, John parou olhando em volta. E então ouviu seu nome.

— John! John Knight! Não posso acreditar!

Amy Carmichael veio rodopiando para fora da casa e, antes que John percebesse o que se passava, ela lançou os braços à sua volta, num abraço maternal.

No momento seguinte, ela o estava segurando pelos braços:

— Deixe-me olhá-lo! Que surpresa maravilhosa! —
E deu-lhe outro abraço.

John estava tão feliz por vê-la, que não sabia o que dizer.

— Mas por que não escreveu que estava vindo? E o que faz de volta à Índia? Há quanto tempo está aqui?

John riu diante de tantas perguntas. Mas havia algo que ele tinha de saber primeiro.

— Onde está Arul? Eu vim ver você e Arul. Os olhos de Amy alargaram-se.

— Você não sabe? Não... claro que você não sabe. Oh, John, Arul não está aqui!

O desapontamento doeu na garganta de John. Não estava ali? Ele fizera toda aquela jornada para Dohnavur, e Arul não estava ali?

— Mas... onde...? — começou ele.

— Mais tarde. — Disse Amy enigmática. E, tomando-lhe o braço apressou-o para dentro de casa. — Os outros gostarão de ver você.

O fiel grupo de mulheres estava decorando o interior da casa. Cada uma expressou surpresa e encanto ao ver John; depois houve muito cochicho entre elas.

— E Azim? — perguntou John virando-se, enquanto Amy o empurrava pela porta mais uma vez.

— Oh, sim, Azim! Quando seus pais deixaram Palamcottah, Azim ficou sem emprego. Ele tinha sido tão útil quando estivera aqui com você e sua mãe, que perguntei-lhe se gostaria de vir trabalhar em Dohnavur. Ele aceitou alegremente. E — ela baixou a voz e segredou — ele está quase convencido de que todos os homens são irmãos, como Jesus ensinou, apesar de toda a sua longa dedicação ao sistema de castas.

Ambos riram.

Amy levou-o a um grupo de crianças e apresentou-o. Algumas das meninas mais velhas lembraram-se dele, baixando os olhos timidamente, e curvando a cabeça em gentil saudação. Às pequeninas, Amy disse:

— Botõezinhos de lótus, este é John, *annachie* de Jóia, da história que lhes tenho contado.

Risinhos e dedinhos surgiram dos agitados embrulhos sobre as mantas.

Quando Amy o levou de volta ao alpendre e deu-lhe algo refrescante para beber, John reuniu coragem e perguntou:

— O que tem se passado com Jóia? Ela retornou? Você a tem visto?

A boca de Amy repuxou-se. Ela estava para chorar... ou para rir? Ele não deveria ter dito aquilo.

— Não — disse Amy. — Não tenho visto Jóia desde aquele dia fatal, há seis anos, quando a deixei para ir ao tribunal.

John silenciou. Ficou olhando para as flâmulas agitadas pela brisa. Algo estranho se passava. Arul não estava lá... *Amma* parecia relutante em falar sobre ele, ou Jóia. Teria acontecido algo ruim? Então, por que as flores e bandeirinhas? Por outro lado, ele se lembrava de Arul lhe contando que os funerais em Dohnavur eram grande celebrações, indicando que uma criança querida, ou uma *mana*, mudara-se desta vida para a vida eterna com Jesus.

— Parece que vocês estão se preparando para uma comemoração? — insinuou ele finalmente.

Amy assentiu, mas nada disse. Então, de repente, ela levantou-se num salto:

— Bem! Tenho muito o que fazer! Fique aqui e descanse. Tenho certeza de que está cansado, depois dessa viagem. Conversaremos novamente quando eu tiver cumprido com minhas obrigações. Tenho um monte de coisas para fazer!

Ela desapareceu porta a dentro. Em poucos minutos, John ouviu muita comoção e risos no interior da casa.

Levantou-se e passeou ao longo do alpendre. Suas botas de equitação faziam seus passos ressoar no assoalho de bambu. Estava realmente alegre em *ver Amma...* mas seu desapontamento pela ausência de Arul era profundo. Passou as mãos pelos cabelos. Por que *Amma* não lhe contava o que estava se passando?

O sol começava a deslizar para trás das palmeiras e tamarindos, ao oeste, tingindo de púrpura as montanhas à distância.

A hora do jantar chegou e passou, porém ninguém se reuniu para comer. Em vez disso, a maioria das meninas e algumas das *manas* encaminharam-se ao portão. Algumas garotas subiram no portão e ficaram olhando além dele.

A multidão à entrada foi se tornando cada vez maior. Decidido a ir ver o que se passava, John levantou-se no alpendre. Foi então que ouviu um grito em tâmil:

— Eles estão vindo! Estão chegando!

Quem está vindo? Ponderou John. Então, Amy Carmichael e as demais, que haviam ficado na casa principal, saíram correndo.

— Venha, John! — chamou Amy, agarrando-lhe a mão e puxando-o. — Você gostará de ver!

Várias meninas, das mais velhas, acenderam tochas no fogo da cozinha, e com elas atearam fogo em todas as outras tochas. Logo, o esplendor das luzes dançava no

crepúsculo. Azim abriu o portão, e o rebanho de meninas ondeou na estrada, para o outro lado.

A princípio, John nada pode ver. Depois avistou uma carruagem vindo lentamente pela estrada. Mas... não era uma carruagem comum. Lótus brancos e jasmins coloridos entrelaçavam-se em arcos por cima dela. Os bois que a puxavam tinham os chifres pintados de cores brilhantes; flores pendiam dos freios e das rédeas.

Sentados na frente da carruagem, estavam um homem e uma mulher vestidos de branco. As meninas rodearam o veículo, pulando, gritando, rindo e jogando flores.

A carruagem aproximou-se mais. John espichou-se e olhou curioso. Parecia um casamento. Os bois pararam. O homem pulou ao chão, virou-se e ajudou a jovem a descer. Ela vestia um sari branco como a neve, que lhe realçava o rosto em formato de coração e os grandes olhos negros. Amy alcançou o jovem casal e deu-lhes um grande abraço. Houve muitas risadas. Então, a jovem e o rapaz viraram-se para onde estava John. Um lampejo de reconhecimento fez John estremecer.

Eram Jóia e Arul!

Concomitantemente, o casal também o viu.

— *Annachie!* — Reconheceu Jóia, num grito.

— John! Meu irmão! — Emocionou-se Arul.

E os três amigos envolveram-se num grande abraço, enquanto algumas criancinhas penduravam-se em suas pernas, e outras continuavam a jogar flores para o ar.

Em poucos minutos foram separados pelas eufóricas meninas, e o casal de noivos foi escoltado através da trilha flamejante de tochas, até a casa principal.

John sentia que arrebentaria de tantas indagações, mas a festa prosseguia em total animação. Esteiras de capim foram espalhadas pelo chão para servirem de assentos; travessas e mais travessas de comida, doces e frutas foram trazidas para o alpendre. Quando o noivo e a noiva estavam distribuindo os pratos de alimento, as meninas se agruparam e, em coro, entoaram uma doce canção de amor indiana, seguida por maravilhosos hinos em tâmil.

Sentado numa esteira de capim, John observava os festejos. De vez em quando Arul olhava para ele e sorria, como a dizer "Logo, logo, meu irmão. Mas agora, Jóia em primeiro lugar".

Amy sentou-se ao lado dele na esteira.

— Veja você, John, eu sempre soube que Jóia pertencia a Deus, e que ele tinha uma nova vida para ela. E nós a perdemos de vista, tão distante na China! Mas sabíamos que ela estava nas mãos de Deus. Então... uma noite tive um sonho. No sonho eu via Arul e Jóia se casando. Ao acordar, tive a nítida impressão de que Deus

me mostrara sua vontade para Jóia. Então conversei com Arul. Como você sabe, na Índia não é incomum se arranjarem casamentos. Mas eu não queria que isso fosse apenas plano meu. Queria que fosse plano de Deus. Portanto eu orei para que, se essa fosse a vontade de Deus, ambos, Arul e Jóia sentissem a mesma coisa em seus corações.

Amy lançou uma olhadela afetuosa ao casal, cada qual com uma criancinha no colo.

— Cartas foram trocadas entre Jóia e Arul. — Continuou ela. — Logo, ambos concordaram: sim, eles acreditavam que Deus os queria unidos. Porém, embora Jóia fosse agora maior de idade, pareceu-nos melhor que Arul fosse ao seu encontro no Ceilão, se casassem lá, e então retornassem. Agora, seu tio não tem como fazer qualquer reivindicação sobre ela.

John assentiu. Sim, estava certo. Ele nunca pensara nessa possibilidade, porque seis anos atrás Jóia ainda parecia uma criança. Mas agora, era uma jovem mulher de vinte anos. Quem melhor para marido de Jóia do que o seu querido amigo e irmão Arul?

Amy tocou-lhe a mão.

— John? Tenho um outro sonho. Já lhe falei dele antes. Há muitos meninos perdidos nos templos, vendidos pelos grupos de atores ambulantes, ou abandonados por causa da extrema pobreza de seus pais. Eles também

precisam de Dohnavur. Mas temos esperado por um homem, um homem que possa ensiná-los...

John olhou para Amy Carmichael.

—Você voltou, John. — Prosseguiu ela. — Você conhece o idioma. Você é parte de nossa família aqui. Por que não pergunta a Deus se não foi por este motivo que ele o trouxe de volta à Índia? Mas não quero que isto seja idéia minha. Se for idéia de Deus, você sentirá em seu coração que é a coisa certa a fazer.

Nesse momento, diversas meninas vieram correndo e puxaram John pelas mãos, levantando-o e introduzindo-o numa divertida brincadeira de "siga o guia", atrás de um sorridente casal de noivos. Impotente, John olhou para Amy por cima do ombro, e deu-lhe um sorriso.

Sim, ele perguntaria a Deus sobre os meninos...

Mais sobre Amy Carmichael

Amy Carmichael nasceu no dia 16 de dezembro, de 1867, na aldeia litorânea de Millisle, na Irlanda do Norte. Seu pai, David Carmichael, e seu irmão William eram respeitáveis proprietários de moinho, e pertenciam a uma devota família, com uma bem merecida reputação de integridade e generosidade. A mais velha de sete irmãos, Amy era obstinada e cheia de travessuras, mas com um terno coração para com todos os seres vivos. Desfrutava de uma infância segura e feliz.

Ao completar dez anos, Amy foi para a escola Metodista Wesleyana, em Harrogate, Yorkshire, onde permaneceu três anos. Distante do lar, as fundamentais verdades bíblicas, aprendidas sobre os joelhos de sua mãe, enraizaram-se em seu coração, e ela entregou sua vida a Jesus, recebendo-o como seu Salvador e Senhor.

Não obstante, as coisas não iam tão bem em casa. Dificuldades financeiras levaram a família a Belfast, e Amy teve de deixar a escola para voltar ao lar. O denodado esforço de seu pai pode ter contribuído para a pneumonia que levou-lhe a vida em 1885, quando Amy tinha apenas dezessete anos. Pelos próximos anos, ela teve de ajudar a

sustentar seus irmãos menores, e, ao mesmo tempo, começou a dar aulas, aos domingos, para as "xales" — meninas que trabalhavam nos moinhos, e usavam xales em vez de chapéus. A frequência a essas reuniões cresceu tanto, que logo Amy sentiu a necessidade de um prédio. Cheia de fé, orou pedindo 500 libras a fim de construir um salão capaz de abrigar 500 meninas. Sua fé e visão eram contagiosas; logo as meninas moleiras estavam se reunindo num novo salão denominado "Boas-vindas", onde estudavam a Bíblia e cantavam, tinham aulas noturnas e aprendiam a costurar, ouviam palestras e, mensalmente, realizavam uma reunião evangelística aberta ao público.

As experiências de Amy no "Boas-vindas" ajudaram-na a estabelecer muitos dos princípios espirituais que seguiu durante toda a sua vida, como, por exemplo, depender unicamente de Deus para suas necessidades, e receber ajuda para o seu ministério apenas do povo de Deus.

Em 1888, aos vinte anos, Amy foi convidada a ir à Inglaterra, iniciar um trabalho semelhante com jovens operárias em Ancoats, Manchester, mudando-se para lá com sua mãe e uma irmã. Na Inglaterra, ela conheceu Robert Wilson, um dos fundadores da "Conferência Keswick para o aprofundamento da vida espiritual". Ao participar pela primeira vez da Conferência Keswick, a convite de Robert Wilson, Amy fez uma entrega total de

sua vida a Deus. Wilson tornou-se um grande amigo da família Carmichael, que sempre se referia a ele como o Querido Velho ("Q.V." para encurtar). Quando a doença e o esgotamento físico forçaram Amy a deixar seu trabalho em Manchester, ela aceitou o convite de Wilson, em 1890, para ir viver em sua casa, em Broughton Grange, como uma filha.

Amy achou que fosse plano de Deus ela cuidar do Querido Velho até sua ida para o lar celestial. Contudo, no dia 13 de janeiro de 1892, ela ouviu o inconfundível chamado de Deus e seu "Ide" para levar o Evangelho ao exterior. Tanto sua mãe quanto o Sr. Wilson compreenderam que Amy deveria seguir a vontade de Deus, embora isso representasse para eles um grande sacrifício.

Mas, para onde fora chamada? As aventuras missionárias de Amy levaram-na primeiramente ao Japão, em abril de 1893. Entretanto, problemas de saúde obrigaram-na a retornar à casa um ano depois. Missão alguma queria mandá-la ao exterior; mas, recomendada pelos líderes da Conferência Keswick, ela foi aceita pela Sociedade Missionária Zenana da Igreja da Inglaterra, e enviada à Índia em outubro de 1895. Ao pôr os pés em solo indiano, algo a fez sentir que jamais voltaria ao lar.

Amy atirou-se ao estudo do tâmil, de modo a poder partilhar diretamente o Evangelho com o povo do sul da

índia. Sua saúde precária levou-a à estação montanhosa de Ooty, onde encontrou o reverendo Thomas Walker e sua esposa, missionários no Distrito de Tinnevely. O reverendo Walker tornou-se seu professor de idioma, e quando cresceu a amizade, os Walkers convidaram Amy a juntar-se a eles em seu trabalho evangelístico no Distrito de Tinnevely. Ela chamava Walker de *annachie* (irmão mais velho); ele a chamava *tungachie* (irmã mais nova).

Com o apoio dos Walkers, Amy reuniu um grupo de mulheres cristãs indianas, denominado Starry Cluster, que ia de aldeia em aldeia num carro de boi, pregando o Evangelho. Uma dessas mulheres indianas foi Ponnammal, a jovem viúva que tornou-se assistente de Amy, até morrer de câncer em 1915. Outra jovencinha, Arulai, de apenas onze anos, foi atraída pelo amor de Deus através dessa mulher branca vestida de indiana. O primo de Arulai, Arul Dasan, também tornou-se cristão, apesar da perseguição de sua família. Ambos, Arulai e Arul Dasan, foram cooperadores voluntários de Amy, por muitos anos.

Foi enquanto viajava com o grupo Starry Cluster, que Amy Carmichael tomou conhecimento das "crianças do templo" — meninas que eram "casadas com os deuses" nos templos hindus, uma prática que incluía a prostituição. Preena, de sete anos, foi a primeira criança a vir do templo para os braços protetores de Amy, em 1901. A fim de prover um lar para essas meninas, Amy fundou a

Comunidade Dohnavur, próximo à aldeia de Dohnavur, no Distrito de Tinnevelly. Logo, Amy Carmichael tornou-se a *Amma* (mãe) de dezenas de garotinhas.

Porém o coração de *Amma* doía pelos meninos — alguns vendidos para os serviços do templo, outros, vendidos por companhias de atores que viajavam de cidade em cidade — uma vida que tornava impossível a esses meninos crescerem puros e bons. Os dois primeiros meninos chegaram em 1918. Quando Godfrey e Webb-Peploe chegaram à Comunidade Dohnavur, em 1926, para auxiliar no trabalho com meninos, já havia lá cerca de oitenta deles!

O trabalho na Comunidade Dohnavur seguia um padrão que brotara da Palavra de Deus e do coração de Amy Carmichael, representado nestas palavras chaves: *amor, lealdade, união e serviço*. Ela acreditava que cooperadores do Evangelho deviam, acima de tudo, amar-se uns aos outros. *Amma* não pedia que ninguém fizesse algo para o qual ela própria não estivesse capacitada. Todo o trabalho era considerado um serviço de alegria e amor a Deus. Todas as necessidades eram levadas ao Senhor, em oração, esperando unicamente na provisão do Pai, em vez de tomar conhecidas de outrem as suas necessidades. Nenhum dinheiro era tomado emprestado; nenhuma dívida contraída. A vontade de Deus foi muitas vezes testada pelo preceito: "Porquanto Deus provera".

Em outubro de 1931, aos sessenta e quatro anos, Amy caiu num buraco e quebrou a perna. Nunca se recuperou totalmente, e passou os próximos vinte anos confinada em sua cama. Novos líderes já tinham sido preparados: Godfrey e Murray Webb-Peploe no lado dos "homens", e May Powel para substituir Arulai, que adoeceu, no lado das "mulheres". Mas Amy Carmichael continuou a comunicar sua fé e visão aos meninos e meninas, que adoravam visitá-la, e aos seus colaboradores. Após o acidente, escreveu trinta livros, acrescentando e atualizando seus primeiros escritos. Esses livros contém muitas histórias de meninas e meninos, homens e mulheres, que Deus atraiu a si através do trabalho da Comunidade Dohnavur.

Amy Carmichael faleceu em 18 de janeiro de 1951, e foi enterrada no Jardim de Deus. Nenhuma pedra assinala sua sepultura; ela está com Jesus. Mas seu espírito vive no trabalho da Comunidade Dohnavur, no sul da Índia, até ao dia de hoje.

Para Leitura Adicional

Carmichael, Amy, *Gold Cord: The Story of a Fellowship* (Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1932).

Elliot, Elisabeth, *A Chance to Die: The Life and Legacy of Amy Carmichael* (Old Tappan, N.J.: Fleming H. Revell Company, 1987).

Houghton, Frank L., *Amy Carmichael of Dohnavur* (Fort Washington, Penn.: Christian Literature Crusade, 1979, 1985).